

Ministério

Uma revista para pastores e obreiros

Novembro-Dezembro de 1999

Psicologia

INTELIGÊNCIA
ESPIRITUAL

Comportamento
**OS DEGRAUS
DA ÉTICA CRISTÃ**

Casa Publicadora Brasileira

- BIBLIOTECA -

TATUI



Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

ARTIGOS

12 O NOME DE JESUS

Um estudo sobre a suposta origem pagã do nome de Jesus Cristo.

15 APROVEITE ESTA OPORTUNIDADE

O frenesi a respeito do ano 2000 e do bug do milênio é um convite à prática do evangelismo.

17 OS DEGRAUS DA ÉTICA CRISTÃ

A descrição que Pedro faz das virtudes cristãs é um tratado de ética para o mundo atual.

20 A SUPREMA VOCAÇÃO

Teólogo destaca o ministério pastoral como a mais importante atividade.



25 INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL

A ciência dos relacionamentos torna o pastor mais afetivo, amoroso e humano.

28 PAULO E SUAS VICISSITUDES

Análise dos chamados "catálogos de vicissitudes do apóstolo Paulo.

SEÇÕES

3 EDITORIAL

4 ENTREVISTA

7 AFAM

9 PONTO DE VISTA

23 IDÉIAS

30 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

31 LIVROS



Ano 70 - Número 06 - Nov./Dez. 1999
Periódico Bimestral

Diretor Geral: Wilson Sarli; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa;
Editor: Zinaldo A. Santos; **Revisoras:** Ildete Silva e Mercedes Campos;
Editor de Arte: Wilson Almeida; **Diagramação:** Davi Gangi;
Colaboradores Especiais: Alejandro Bullón; José M. Viana;
Colaboradores: Helder Roger C. Silva; Ivanando B. Oliveira;
José S. Ferreira; Mário Valente; Montano Barros;
Capa: Davi Gangi; Fotos: PhotoDisc e William de Moraes.

Visite o nosso site: www.cpb.com.br
Serviço de Atendimento Direto: saa@cpb.com.br
Redação: redacao@cpb.com.br
Ministério na Internet: www.mensagem.com/ministerio

Tiragem: 4.300 exemplares

5972/6556

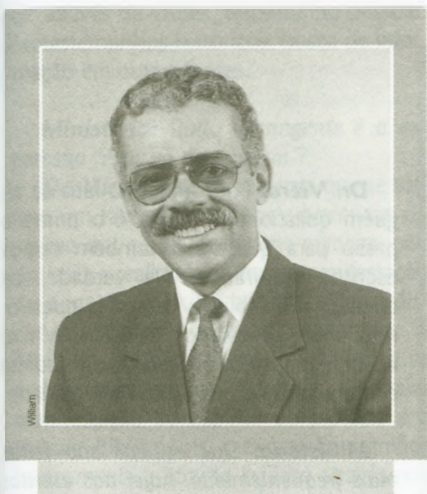
Todo artigo, ou correspondência, para a revista **Ministério** deve ser enviado para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600; CEP 70279-970, Brasília, DF

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, incluídos textos, imagens e desenhos, por qualquer meio, quer por sistemas gráficos, reprográficos, fotográficos, etc., assim como a memorização e/ou recuperação parcial, ou inclusão deste trabalho em qualquer sistema ou arquivo de processamento de dados, sem *prévia autorização escrita* do autor e do editor, sujeitando o infrator às penas da lei disciplinadora da espécie.



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
EDITORA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA
Rodovia SP 127 - km 106 - Caixa Postal 34, 18270-000 Tatui, SP

Pureza de coração



Quando Jesus declarou serem "bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus" (Mat. 5:8), estava Se referindo a algo além das cerimônias e da religiosidade exterior. Não estava apenas expressando um reconhecimento àqueles cuja mente é isenta de lascívia e concupiscência, embora isso finalmente se enquadre na moldura. O que Jesus mostra nessa afirmação é que Deus Se interessa pelo coração, de onde procedem as saídas da vida. Isto é, enfatiza o homem interior, o caráter, a própria condição de ser do homem.

De acordo com o uso geral na poesia e nas Escrituras, o coração significa o centro de nossa personalidade. Não apenas o centro dos afetos e emoções; inclui a mente e a vontade. É o homem todo. Assim, "bem-aventurados os limpos de coração" expressa que são felizes os puros, não somente na superfície do ser, mas no íntimo, no centro e fonte de cada uma das suas atitudes. Isso quer dizer fidelidade nos mais íntimos motivos e desígnios da alma, isenção de orgulho,

egoísmo e hipocrisia. Presença de humildade, abnegação, autenticidade, sinceridade e simplicidade.

Nos dias de Jesus Cristo, muitos dos líderes religiosos que se diziam servos do povo, não eram puros de coração. Longe disso! Eram falsos e hipócritas, homens que representavam um papel, sem integridade interior. Em Mateus 23, encontramos severas repreensões contra a hipocrisia. Contrariamente às oito bem-aventuranças, vemos oito vezes repetida a expressão "ai de vós", relacionada aos "escribas e fariseus, hipócritas".

Parece pouco provável que Cristo desprezasse qualquer outro defeito de alguém que se dizia servo de Deus, mais do que desprezava a hipocrisia, a antítese da pureza de coração. No entanto, aqueles homens aparentavam ser ótimos em questões de leis e regras, mas fracós em santidade e sinceridade nos relacionamentos. Ótimos na aparência exterior, mas fracós nos motivos íntimos. Fantásticos em mandamentos públicos, mas fracós na obediência pessoal. Exteriormente pareciam justos diante dos homens, mas interiormente estavam cheios de ossos, podres.

Os limpos de coração possuem a graça da transparência, da simplicidade. São corretos, diretos, facilmente compreendidos. Em seu caráter não há ocultamentos que devam ser explicados, não há gretas onde se encontrem teias, nem obscuridade na qual traças e morcegos pretendam se esconder. Estão livres de suspeitas secretas. Não têm gestos misteriosos em sua maneira de agir, qualquer que seja a área de atuação, nem no seu relacionamento pessoal. São indivíduos honrados e honestos. Nada necessitam encobrir. Levam o Céu no coração. Assemelham-se

às superfícies inoxidáveis, que não escapam ao contato com a impureza, mas não se contaminam.

O limpo de coração tem burilado os motivos da alma. Atuará limpo porque é limpo. Os princípios corretos estão entronizados em seu coração. Não trabalhará inspirado pelo temor do castigo, nem pela esperança de recompensa ou promoção, mas porque é fiel e puro em seus motivos.

Sabendo, entretanto, que "enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto" (Jer. 17:9), precisamos lembrar sempre de que jamais ele poderá ser purificado através de nossas decisões, vontade ou nosso esforço. Como disse Ellen White, "o coração deve ser renovado pela graça divina, ou será debalde procurar pureza de vida". Por isso devemos fazer nossa a prece do salmista: "Cria em mim, ó Deus, um coração puro" (Sal. 51:10).

A recompensa dos limpos de coração é garantida nas palavras "verão a Deus", que têm duas aplicações. A primeira é imediata, referindo-se aos que recebem compreensão e visão interiores da natureza e da pessoa de Deus. É uma ênfase no reino da graça divina no coração, nesta hora presente. A segunda aplicação refere-se ao dia de gozo maior, quando O veremos em Seu reino de glória. Noutras palavras, os limpos de coração têm o privilégio de ver a Deus agora, com os olhos da fé, e, finalmente, O verão face a face.

Contemplando-O com os olhos da fé, somos progressivamente transformados à Sua semelhança (II Cor. 3:18). Depois, se cumprirá em nós a promessa: "contemplarão a Sua face, e na sua frente está o nome dEle" (Apoc. 22:4). – Zinaldo A. Santos.

Ministério

Crede em Seus profetas

ZINALDO A. SANTOS

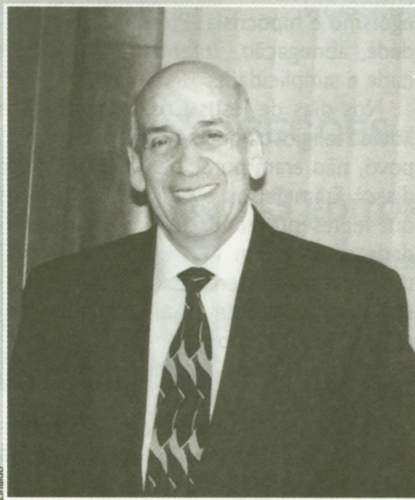
Uma das crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia afirma: "Um dos dons do Espírito Santo é a profecia. Esse dom é uma característica da Igreja remanescente e foi manifestado no ministério de Ellen G. White. Como a mensageira do Senhor, seus escritos são uma contínua e autorizada fonte de verdade e proporcionam conforto, orientação, instrução e correção à igreja. Eles também tornam claro que a Bíblia é a norma pela qual deve ser provado todo ensino e experiência."

Que a doutrina adventista não se deriva de Ellen White é muito claro; a Bíblia é sua fonte inegável. Mas os críticos, por ignorância ou má fé, não economizam distorções a respeito do seu ministério e da maneira como a Igreja Adventista o vê. Com o objetivo de ajudar a esclarecer dúvidas a respeito da manifestação do dom profético na vida e obra da Sra. White, *Ministério* entrevistou o Dr. Juan Carlos Viera, diretor do Centro de Pesquisas Ellen White, localizado em Washington, Estados Unidos. Uruguaio de nascimento, o Dr. Viera serviu à Igreja na América do Sul, durante muitos anos, como pastor distrital, evangelista e administrador. Posteriormente, fez doutorado em missiologia, nos Estados Unidos.

A seguir, os principais trechos da entrevista, concedida por ocasião do concílio da Associação Ministerial, em Foz do Iguaçu, PR.

Ministério: *Quais os questionamentos atualmente levantados sobre a autoridade bíblica?*

Dr. Juan Carlos Viera: Os movimen-



Dr. Juan Carlos Viera

tos que surgem nos ambientes evangélicos e católicos tratam de certas formas de hermenêutica, certos métodos, como por exemplo, o método histórico-crítico e outros métodos de investigação e interpretação das Sagradas Escrituras. Esses métodos colocam certas dúvidas sobre a autoridade da Bíblia. Como adventistas do sétimo dia, continuamos crendo que a Bíblia é a autoridade final da nossa doutrina, porque a aceitamos como sendo inspirada por Deus. Embora a mensagem bíblica nos tenha chegado através de mensageiros humanos, cremos que essa mensagem tem suficiente autoridade para que seja aceita. Essa posição é muito clara na Igreja Adventista. É possível que alguns até já estejam começando a questioná-la, individualmente, mas essa é a posição oficial da Igreja em relação à Bíblia.

Ministério: *Tais questionamentos afetam, de certa forma, o ensinamento sobre o dom de profecia?*

Dr. Viera: Pode afetar. O fato de alguém questionar a Bíblia é o primeiro passo para questionar também outros escritos inspirados. Na verdade, ao questionar a Bíblia, a pessoa já questionou antes os escritos de Ellen White; afinal, é mais fácil questionar um profeta contemporâneo que um da antiguidade.

Ministério: *Que críticas são feitas mais freqüentemente, hoje, aos escritos de Ellen White?*

Dr. Viera: A principal crítica, feita durante os últimos anos, refere-se ao uso que ela fez de outras fontes. A idéia que um profeta recorra a outros escritos e utilize frases de outros autores, tem sido muito questionada. De modo que a Igreja tem sido obrigada a fazer uma profunda investigação para ver se não ocorreu a mesma coisa com os profetas bíblicos. Felizmente, a conclusão é afirmativa; escritores bíblicos, especialmente no caso de Lucas, o evangelista, e no do apóstolo João, ao escrever o Apocalipse, também usaram outras fontes. Um ex-diretor do *White Estate*, Pastor Robert Olson, escreveu um livro intitulado *101 Perguntas Sobre o Santuário*, no qual ele conclui, com base em profunda investigação, que o apóstolo João utilizou em muitas ocasiões referências ao Livro de Enoch, que circulava profusamente nos dias apostólicos. A frase "vi um novo Céu e uma nova Terra", por exemplo, aparece no tal livro; e o apóstolo a usou textualmente para expressar sua própria visão.

Ministério: *Como harmonizar essa prática com o fato de que Deus inspira o profeta?*

Dr. Viera: A Bíblia afirma que Deus fala "de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas" (Heb. 1:1). De modo que podemos pensar em mais de um modelo de comunicação da parte de Deus com Seus mensageiros. Um deles é o modelo visionário, ou seja, a comunicação processada através de visões. A Bíblia está cheia de exemplos. Há o modelo testemunhal, exemplificado pelos evangelistas Mateus e João; e o histórico, do qual Lucas também é um notável exemplo. Em todos esses modelos está presente o fator inspiração. Deus inspirou o profeta no processo de relacionamento com a mensagem que tencionava transmitir: através de visões, testemunho pessoal, ou testemunhos históricos, busca de informação em outras fontes.

Ministério: *Quão abrangente é a expressão "espírito de profecia"?*

Dr. Viera: Esse é um termo que se tornou um tanto familiar aos adventistas do sétimo dia, e que, de alguma maneira, não diz toda a realidade. A maior manifestação do dom de profecia é a Bíblia. Apesar disso, às vezes mencionamos algo como "a Bíblia e o espírito de profecia", como se fossem duas coisas diferentes. A maior manifestação do espírito de profecia é a própria Bíblia, pois a expressão significa basicamente a voz do Espírito através dos profetas. Isso é o que explica João em Apocalipse 19:10, onde o anjo refere-se a outros profetas ("irmãos") que, como João "mantêm o testemunho de Jesus", "o espírito de profecia". Quando nos apropriamos dessa expressão para referir-nos apenas à Sra. White, limitamos a sua aplicação. E isso não sempre soa bem. Realmente, todos os profetas de Deus estão incluídos na expressão espírito de profecia.

Ministério: *O lema de Lutero – Sola Scriptura – é o mesmo da Igreja Adventista do Sétimo Dia?*

Dr. Viera: Exatamente. Cremos na Bíblia e a aceitamos como regra de fé e prática religiosa; é a base de tudo porque é a voz de Cristo à Sua Igreja. O que chamamos de "espírito de profecia", a respeito de que melhor seria dizermos o dom profético manifestado na Igreja Adventista, tem como propósito básico levar-nos à Bíblia, ajudar-nos a entendê-la. Seria muito ofensivo para a própria irmã White, saber que em algum momento estamos usando seus escritos como uma segunda Bíblia. Nunca foi seu propósito substituir a Bíblia, ou fazer de seus escritos a base de nossa doutrina. O único propósito dos es-

critos da Sra. White, e ela o disse muitas vezes, é o de conduzir-nos às Escrituras e ajudar-nos a compreendê-las.

Ministério: *A Sra. White é a última palavra em termos de interpretação teológica para os adventistas?*

Dr. Viera: Um momento crítico na vida da Igreja foi o ano de 1888, quando foram discutidos dois grandes temas. Um estava relacionado com as profecias de Daniel 7 e 8, e o outro era a justificação pela fé. Em várias oportunidades foi perguntado à Sra. White qual era a sua interpretação sobre os chifres de certos animais que aparecem na profecia de Daniel 7. Havia uma discussão muito intensa entre dois teólogos adventistas da época, e eles queriam ter o apoio da Sra. White. Sua resposta foi que deveriam ir à Bíblia, em vez de procurar sua opinião. Deveriam estudar profundamente a Bíblia para encontrar nela a base de qualquer conclusão. A Sra. White jamais tencionou ser a última palavra de interpretação profética para a Igreja. Agora, o que ela define são os pilares da nossa fé. Ela diz que esses pilares foram revelados através da inspiração; e que eles não podem ser removidos. Quais são eles? A segunda vinda de Cristo, o sábado, o estado inconsciente dos mortos, a doutrina do santuário celestial.

Ministério: *O senhor concorda que alguns problemas relacionados com a compilação do trabalho da Sra. White, são devidos à compilação e tradução deficientes?*

Dr. Viera: Sempre esperamos que as compilações e traduções do material de Ellen White sejam uma ajuda para a igreja. As compilações têm realmente o perigo de que o compilador oriente o livro. Tem-se criticado, por exemplo, o livro *Mensagens aos Jovens*. A crítica é que ele deve ter sido compilado por um adulto que não compreendia os jovens, e que buscou as declarações mais negativas da Sra. White sobre a recreação e outros aspectos da vida juvenil, resultando num livro muito negativo para a juventude. Esse perigo realmente existe. Mas o objetivo das compilações é ajudar a Igreja, reunindo todas as referências sobre um determinado tema; normalmente elas trabalham com um tema específico, como o lar, a educação dos filhos, etc. Da minha própria experiência como compilador, tenho sentido que é uma solene responsabilidade fazer esse trabalho. Precisamos estar seguros de dar a mensagem correta. Depois que preparamos os manuscritos, eles passam por várias mãos. Temos a comissão de manus-

critos, cujos membros devem ler detalhadamente o material, para que haja a segurança de que ele contém a mensagem da Sra. White, e não a do compilador. Apesar de que o texto é o da Sra. White, o compilador pode selecionar de tal maneira que acabe dizendo uma coisa que ela não quis dizer. Somos conscientes do problema e trabalhamos atentamente para evitá-lo.

Ministério: *Alguns críticos dizem que a Sra. White fez declarações de cunho racista. O que o senhor diz a respeito disso?*

Dr. Viera: Minha resposta é que se houve uma pessoa que não foi racista e que se esforçou por trabalhar em favor dos negros, por todos os meios, foi a irmã White. É certo que, em alguns momentos, ela deu alguns conselhos que eram oportunos para sua época. Por exemplo, ela mencionou que os obreiros de cor, negros, deveriam pregar naquelas áreas especialmente habitadas por negros. Alguns têm entendido isso como racismo; mas, para a época em que ela viveu, era o melhor conselho. Também existe a sugestão relacionada à escolha de um cônjuge, o que é muito importante. Em seu tempo, um casal misto enfrentaria muitos problemas que afetariam diretamente os filhos; e qualquer pessoa que se aventurasse nesse tipo de união conjugal sabia disso. Agora, aqui no Brasil ou em meu país, o Uruguai, não temos nenhum problema. Mas precisamos lembrar que quando a irmã White deu tais conselhos, o racismo era muito forte em seu país. Tão forte que acarretava grandes tragédias. Era uma situação contextualizada.

Ministério: *A Sra. White enfrentou momentos difíceis em sua vida conjugal?*

Dr. Viera: O profeta é um ser humano, através de quem Deus apresenta Seu ideal para todos – pessoas e instituições. Mas entre o ideal e o real há uma grande diferença. Às vezes pensamos que Deus transforma o profeta num ser perfeito para o serviço. Davi não era perfeito, cometeu pecados graves, e apesar disso Deus o usou. Nem sempre o profeta pode cumprir o ideal que lhe foi comunicado. A mesma coisa aconteceu com a irmã White. Deus lhe comunicou o ideal para esposos e pais. Entretanto, ela e seu esposo tiveram problemas com os filhos, ou seja, se os deixavam ou não, para ir pregar. Nos primeiros anos, o primogênito ficou sob os cuidados da família Hastings. Bem, ela precisava decidir se cumpriria a tarefa recebida de Deus ou se ficava em casa com seu filho. O filho Edson era um tanto rebelde, até que na juventude converteu-se e se

tornou um pastor. Mesmo entre o casal houve problemas. Ambos tinham personalidades fortes e, em determinado momento, houve atritos. Essas coisas nos ajudam a entender que o profeta é um ser humano, com debilidades. Os profetas bíblicos também eram assim. Nenhum deles foi perfeito, mas Deus os usou poderosamente.

Ministério: Segundo o Manual da Igreja, não podemos fazer da aceitação do dom de profecia uma prova de discipulado. O que realmente isso quer dizer?

Dr. Viera: Efetivamente, a própria Sra. White favorece essa idéia. O conselho que a Igreja dá é que uma pessoa, antes de ser batizada, tenha aceito o dom de profecia na vida da irmã White como uma manifestação genuína dos dons espirituais. Porém, uma vez que a pessoa já seja membro da Igreja, o conselho é que não deve ser eliminada, se não crer nessa manifestação. Por que? Bem, há outras questões que também estão no mesmo contexto. Por exemplo, se uma pessoa não devolve o dizimo, não a eliminamos, embora saibamos que ela não está totalmente convertida, nem convencida da autenticidade da Igreja Adventista; por isso não quer apoiá-la financeiramente. O mesmo acontece com o assunto do dom de profecia. Se a pessoa não está totalmente convencida, devemos ajudá-la a compreender melhor o assunto, para que o aceite plenamente. Agora, quanto a ocupar cargos ou funções de responsabilidade, o conselho é bem específico: se uma pessoa não aceita qualquer uma das 27 doutrinas da Igreja, não deve ser eleita para cargo algum.

Ministério: Como a Igreja Adventista se posiciona no contexto do cristianismo?

Dr. Viera: Nós cremos ser a Igreja remanescente da profecia bíblica. O que isso significa? Somos o povo a quem Deus está utilizando para exaltar a fé de Jesus, os mandamentos de Deus e o testemunho de Jesus. Essas são as características da Igreja remanescente. Isso não quer dizer que seja uma Igreja perfeita. Às vezes poderíamos transmitir a interpretação do remanescente de Apocalipse 12 e 14, mas também devemos nos lembrar que a Igreja remanescente vive no período de Laodicéia, em Apocalipse 3. Assim o remanescente não é um povo perfeito, e jamais deveria colocar-se na posição de criticar outras denominações. O fato de que Deus o chamou para uma missão especial não significa que é perfeito. A doutrina da Igreja é perfeita, é a Igreja de Deus, mas nós, os indivíduos que a compomos,

somos imperfeitos. Às vezes acusamos outras igrejas de serem Babilônia, ou suas filhas, quando realmente a própria Sra. White menciona que isso de fato ocorrerá somente quando elas rechaçarem a última mensagem. Neste momento, nenhuma Igreja é filha de Babilônia, até que rejeitem a advertência final. Nossa posição agora deve ser de respeito às demais denominações, porque nelas há pessoas sinceras, que finalmente aceitarão a mensagem, unindo-se a nós. Devemos ser cuidadosos para não nos adiantarmos aos fatos. Podemos estar criticando hoje alguém que será nosso futuro irmão. Somente no momento decisivo indicado pela profecia, as igrejas que rejeitarem a advertência divina formarão Babilônia.

Ministério: Que avaliação o senhor faz do atual momento do mundo, à luz da moldura escatológica apresentada pela Sra. White?

Dr. Viera: Primeiramente, é bom lembrar que a escatologia da irmã White está perfeitamente alinhada com a escatologia bíblica. Basicamente o que ela faz é comentar as profecias de Daniel e Apocalipse. Mas eu estou convencido de que estamos muito próximos da segunda vinda de Jesus. Portanto, todas as condições e situações, sejam elas econômicas, políticas ou religiosas, vão se afunilando para esse acontecimento. Eu creio que a globalização, a turbulência econômica, a comunicação em todos os seus ramos (satélite, internet, etc.) indicam duas coisas: primeira, a possibilidade que a Igreja tem de concluir sua missão em curto prazo. Segunda, a oportunidade de o mundo preparar-se, também em curto prazo, para o conflito final. A globalização tem uma face positiva, que é a criação de oportunidades para a igreja fazer seu trabalho rapidamente, e outra negativa, que é o uso que o mundo também fará para municiar-se tendo em vista última batalha. O que desejo alertar é para que, em meio às mudanças que ocorrem no mundo, não nos adiantemos aos fatos. Parece que alguns irmãos são caçadores de decretos, e vivem procurando mostrar que a lei dominical já está em marcha. Devemos ser cuidadosos. Quando essa lei for ditada, será uma lei especial que incluirá a pena de morte. A Sra. White não está se referindo a legislações restritas a certas regiões, que proíbem a comercialização no domingo. Lamentavelmente, temos alguns pregadores que estão enfatizando muito essa questão como se fosse já o cumprimento da profecia. Creio, sim, que todo o cenário está

sendo montado para os eventos finais, mas não devemos nos adiantar.

Ministério: A encíclica papal *Dies Domini* foi muito comentada entre nós. Como o senhor a analisa?

Dr. Viera: Interpreto-a no contexto do mundo preparando-se para o conflito final. Já mencionei que todos os aspectos econômicos, políticos e religiosos focalizam nessa direção. E sabemos que no aspecto religioso haverá certas organizações que tomarão a liderança mundial. Não é de estranhar que essas organizações estejam dando seus passos, ditando pautas, em direção aos seus objetivos finais. Devemos encarar as encíclicas papais como documentos de uma organização religiosa que promovem suas doutrinas, não as nossas. O papa é o sumo pontífice católico e promoverá suas doutrinas católicas. Não há nada de estranho que ele exalte o domingo como dia de culto, e até tente lhe dar uma base bíblica. Mas esse é apenas um evento, dentre muitos outros que contribuem para o desfecho esperado.

Ministério: A Sra. White, com frequência, associa a volta de Cristo ao término da pregação do evangelho. Está Deus dependente de nós, neste sentido, ou cumprirá Seus designios apesar de nós?

Dr. Viera: A irmã White claramente expressa que a Igreja é o meio que Deus escolheu para dar a mensagem ao mundo. Também diz que o não desempenho dessa tarefa, pela igreja, tem retardado a volta de Jesus. E diz mais: que a terminação da obra acontecerá com uma grande demonstração do poder do Espírito. Assim, as palavras de Cristo aos discípulos, de que eles seriam testemunhas, mas deviam esperar a dotação do Espírito Santo (Atos 1:8), também se cumprirão na Igreja Adventista. Se olharmos do ponto de vista humano, falta muito para a terminação da obra. Aproximadamente a metade da população mundial não conhece o nome de Cristo. Mas o Espírito usará instrumentos humildes, de uma maneira que vai surpreender, segundo Ellen White. Não sabemos quais surpresas acontecerão, mas a manifestação do Espírito será verdadeiramente gloriosa. Como pastores, nosso papel é preparar a igreja para esse momento, e animá-la a manter seu relacionamento com Cristo, de tal modo que esteja preparada para a Sua volta qualquer que seja a época em que ela ocorrerá. Se daqui a três, cinco, dez ou mais anos, tanto faz.

A informação que forma

SÔNIA RIGOLI SANTOS

Formada em teologia,
esposa de pastor e diretora do
Ministério da Mulher na
Associação Catarinense



Divulgado

Nos dias atuais, com o avanço tecnológico, as pessoas têm supervalorizado a informação. Evidentemente, não existe nada desabonador em querer uma pessoa viver bem-informada. A própria Bíblia mostra as vantagens da aquisição de sabedoria: "Feliz o homem que acha sabedoria, e o homem que adquire conhecimento; porque melhor é o lucro que ela dá do que o da prata, e melhor a sua renda do que o ouro mais fino. Mais preciosa é do que pérolas, e tudo o que podes desejar não é comparável a ela. O alongar-se da vida está na sua mão direita, na sua esquerda, riquezas e honra. Os seus caminhos são caminhos deliciosos, e todas as suas veredas, paz. É árvore de vida para os que a alcançam, e felizes são todos os que a retêm." (Prov. 3:13-18).

Esta é uma realidade perfeitamente observável, hoje. O progresso em todos os ramos do conhecimento somente confirma quão proveitoso é acumular informações. No entanto, surge uma grande questão: deveríamos nos limitar apenas à

busca de informação, ou também de formação? Que diferença existe entre as duas coisas? Primeiramente, há a diferença de tempo. Poderíamos dizer que informar é algo que acontece tão rápido quanto um projeto arquitetônico desenvolvido num computador. Formar, por sua vez, é como tornar esse projeto uma realidade; construir passo a passo, do fundamento ao acabamento. Além do tempo, faz-se necessário o planejamento.

Isso me faz lembrar de um relato, segundo o qual um grupo de pessoas observava atentamente uma grande laranja dentro de uma garrafa de gargalo estreito. Como foi possível introduzir a laranja ali? Era óbvio que ela não poderia ter sido introduzida pela boca da garrafa. Também era ilógico supor que a garrafa fora fabricada em torno da laranja. Como, pois, se encontrava ali dentro?

Inicialmente, foi necessário o planejamento. Alguém imaginou fazê-lo. Então, amarrou uma garrafa a um galho de uma laranjeira. Um galho no qual apenas estava iniciando-se o processo de desenvolvimento da laranjinha. O tempo passou, e a fruta crescera plenamente. Só então a garrafa foi desamarrada e tirada do galho com a laranja em seu interior. Assim acontece com a formação de uma criança. Primeiro, o planejamento, o cuidado. Depois, com o passar do tempo e o amadurecimento, estará pronta para a vida.

Talvez seja por isso que os pais preferem informar; é mais rápido. Por essa razão, provavelmente, as escolas buscam oferecer o que os pais desejam, isto é, um leque de opções para aquisição de informação, gerando estresse nas crianças.

Fontes poluídas

Outro problema relacionado com a informação é conhecer quem a transmite, e

que tipo de informação está partilhando. Há muitas fontes de informação às quais as crianças estão expostas. Entre elas, enumeramos as seguintes:

Internet – Parece ser a mais desejada, a mais procurada, até mesmo para a realização de tarefas escolares. Em que pese a sua importância nos dias modernos, é preciso atenção à grande quantidade de má informação obtida através desse fantástico meio de comunicação. Basta lembrar que a palavra mais procurada na Internet é sexo, um assunto que é sempre abordado da maneira mais desvirtuada possível. Não é sem razão que um dos problemas sociais mais graves, atualmente, é o aumento do número de adolescentes grávidas. Meninos e meninas estão iniciando cada vez mais cedo a vida sexual. É perigoso informar sem formar.

Televisão – Essa é outra grande fonte acessível de informação da atualidade. De acordo com Jo Groebel, chefe de Psicologia da Mídia, da Universidade de Utrecht, Holanda, a TV é a maior fonte de informação e entretenimento da maioria das crianças, que passam diariamente três horas, em média, diante dela. Uma criança que assista a três horas de programação televisiva, ao completar 18 anos terá perdido quatro anos e meio de sua vida, sem fazer nada, apenas vendo televisão.

Pesquisadores da Organização das Nações Unidas, ONU, examinaram 71 horas de desenhos animados e descobriram que a cada hora, são retratados 20 crimes, a maioria constando de lesão corporal. A Universidade Gama Filho, do Rio de Janeiro, patrocinou uma pesquisa semelhante, em 1997, cujas conclusões revelam que em 151 horas de programação infantil, eram apresentadas 308 cenas de erotização.

Segundo outra pesquisa, realizada pela Secretaria Nacional dos Direitos Humanos, órgão do Ministério da Justiça, 80% dos pais entrevistados acreditam que a TV exerce forte influência na formação dos filhos. Para 41% destes, essa influência é negativa.

Um aluno da Faculdade Paulista de Comunicação pesquisou os desenhos animados e também descobriu que seu conteúdo está baseado em temas como bruxaria, maldições, satanismo, espiritismo, pornografia, ocultismo e violência.

Brinquedos – Levando em conta que através dos brinquedos a criança percebe a realidade, eles também são fonte de informação. Em meio às campanhas de desarmamento da população, no Brasil, ainda é possível ver-se crianças com armas de brinquedo, fingindo atirar e matar.

De acordo com a revista *ISTOÉ*, de 07/04/99, o mundo dos videogames não é mais apenas o de caças F-16, matando, ou colegiais japoneses desferindo pontapés. Hoje, os jogos de computador estão saturados de ocultismo, magia e satanismo; sem falar na ridicularização dos temas bíblicos. O jogo "calabouços e dragões" inicia com a seguinte declaração: "Eu sou satã, príncipe das trevas e senhor das profundezas..." Em alguma parte do jogo, ouve-se uma gargalhada sinistra e as palavras: "agora a tua alma é minha para sempre..."

Fonte pura

Somos aquilo que contemplamos. "Porque, como imagina em sua alma, assim ele é..." (Prov. 23:7). Jesus Cristo advertiu: "São os olhos a lâmpada do corpo. Se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo será luminoso. Se, porém, os teus

A formação do caráter requer planejamento e tempo.

olhos forem maus, todo o teu corpo estará em trevas..." (Mat. 6:22 e 23).

Alguns tipos de informações não somente deixam de formar, mas deformam o caráter. A verdadeira informação deve ter início quando a criança ainda é pequena, e deve ser extraída da fonte pura da Palavra de Deus. Salomão afirma que a época de começar esse processo é na infância, e que seus resultados serão perenes (Prov. 22:6).

Nos dias de Israel, foi estabelecida a estratégia de informação e formação baseada na Palavra do Senhor: "Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de toda a tua força. Estas palavras que hoje te ordeno, estarão no teu coração; tu as in-

culcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te e ao levantar-te. Também as atarás como sinal na tua mão e te serão por frontal entre os teus olhos. E as escreverás nos umbrais de tua casa, e nas tuas portas." (Deut. 6:4-9)

A escola cristã cumpre o seu papel, nessa tarefa, através de aulas e do exemplo dos professores. Os pais, ao conversarem com seus filhos, estão trabalhando para a formação deles. De maneira informal, ao levantar, ao deitar, andando pelo caminho, em todos os momentos e de várias formas. Assim é a instrução dos pais, em todas as circunstâncias, em cada ato e palavra, até que a informação se torne efetiva nos hábitos dos filhos.

Mas o texto ainda adverte no sentido de colocar o ensino sobre o temor de Deus, nos portais da casa; ou seja, precisamos ter cuidado com tudo aquilo que permitimos chegar às mãos dos nossos filhos; revistas, filmes, cartuchos, CDs, brinquedos, jogos, etc.

Se seguirmos os conselhos de Deus e buscarmos Sua ajuda e sabedoria, poderemos preparar nossos filhos para esta vida e para a eternidade.

Apresentamos o lançamento do ano!

Livro Caminho a Cristo

(4,5 milhões vendidos)

gravado na voz de Cid Moreira



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Caixa Postal 34 – Tatuí, SP – CEP 18270-000 – Tel.: (0__15) 250-8800 – Fax: (0__15) 250-8900

Vasos de barro

GRAEME S. BRADFORD

*D.Min., secretário ministerial da
União da Tasmânia, Austrália*



O texto de I Reis 13:1-32 é um bom exemplo da complexidade da função do dom profético. Essa e outras passagens desafiam nossa concepção de como esse dom opera. Ali, nós temos um "homem de Deus" que profetizou diante do altar uma mensagem de castigo divino sobre o apóstata rei Jeroboão. O que ele profetizou aconteceu. O altar foi partido em dois; e suas cinzas, atiradas fora. A mão do rei, estendida contra o profeta, secou. Diante do pedido do rei, o profeta orou, e a mão foi restaurada.

O profeta mostrou coragem. Não havia dúvida de que Deus estava com ele. Entretanto, no caminho de volta ao lar, ele encontrou-se com um "velho profeta" que lhe comunicou uma mensagem recebida de Deus. Segundo essa mensagem, o primeiro profeta deveria ir à sua casa para uma refeição. Mas a mensagem

de Deus ao primeiro profeta era para que não fosse comer em casa de qualquer pessoa. Entretanto, ele seguiu o conselho do velho profeta e o acompanhou.

Estando ambos em casa, o velho profeta recebeu uma mensagem de Deus, no sentido de que revelasse ao convidado que, em virtude de sua desobediência à ordem para que não fizesse refeição em qualquer casa daquele lugar, perderia a sua vida. Foi exatamente isso o que aconteceu. O velho profeta encheu-se de remorso ao ver seu colega morrer como resultado de haver desobedecido à palavra do Senhor.

O ponto mais embaraçoso nesse relato é que o velho profeta levava uma mensagem contraditória. Como profeta, ele tanto incentivou a desobediência como falou a verdadeira palavra de Deus. A Escritura repetidamente o chama de profeta, embora tenha levado um outro profeta a extrair-se, dando-lhe um conselho errado.

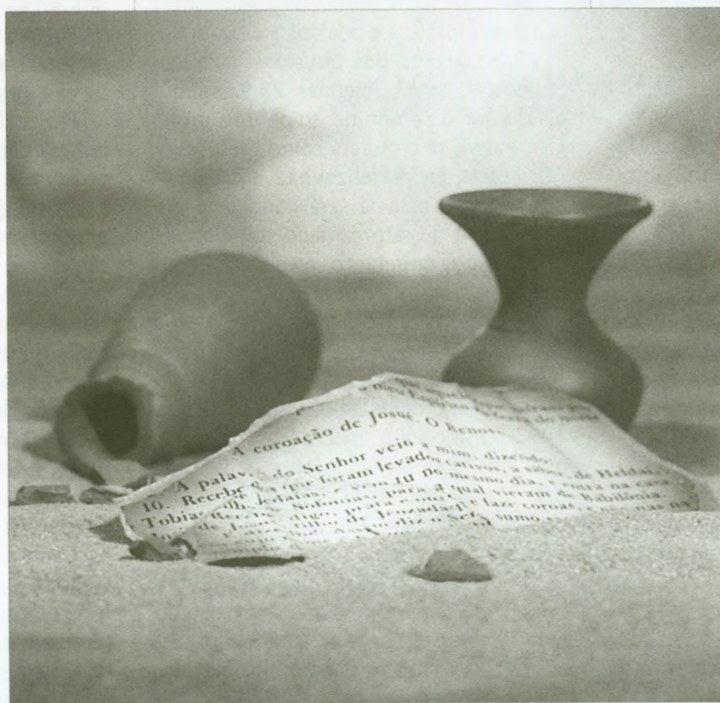
Posteriormente, ele mostrou evidências de estar genuinamente triste por seu comportamento, pois o primeiro profeta perdeu a vida ao seguir seu conselho.

As Escrituras não identificam nenhum dos dois profetas como falso. Ambos aparentemente receberam mensagens de Deus e creram nelas. Uma coisa parece clara nessa passagem: os profetas são humanos, carregando consigo as mesmas fraquezas comuns a todas as outras pessoas.

Os profetas também podem julgar mal uma situação, como fez Natã ao aconselhar Davi para levar avante a construção do templo. "Faça tudo o que está em seu coração, pois Deus está com você", aconselhou o profeta. Mas depois ele confessou a Davi ter dado um conselho errado. Afinal, Deus havia escolhido Salomão para construir o templo (I Crôn. 17:1-14).

Consideremos Pedro. Deus lhe havia revelado em Jope (Atos 10:17-48) que os gentios deveriam ser aceitos na mesma base de igualdade que os judeus. E ele estava vivendo em harmonia com essa visão, até que foi pressionado por alguns judaizantes. Cedeu, e afastou-se da companhia dos gentios. Paulo o repreendeu por essa atitude (Gál. 2:11-14), e apontou como Barnabé também fora conivente com essa hipocrisia. Na ocasião, em Antioquia, Paulo disse que os dois não "procediam corretamente segundo a verdade do evangelho" (Gál. 2:14). Pedro e Barnabé também eram humanos.

Esses episódios nos mostram que Deus usa seres humanos, embora sejam imperfeitos, como profetas, para dar conse-



lhos e advertências ao Seu povo. O testemunho da Escritura é que quando seguimos as mensagens dos profetas de Deus, nós prosperamos; quando as ignoramos, caímos.

Há também ocasiões quando Deus dá aos profetas revelações que eles transmitem fielmente ao Seu povo, embora não compreendam plenamente a mensagem original. É o caso de Daniel. Compreendeu ele o significado da profecia dos 2300 anos, em Daniel 8:14? Observemos sua resposta: "Eu, Daniel, enfraqueci, e estive enfermo alguns dias; então me levantei e tratei dos negócios do rei. Espantava-me com a visão, e não havia quem a entendesse." (Dan. 8:27).

Porventura compreenderam claramente os profetas do Velho Testamento tudo o que eles disseram a respeito do ministério do Messias? Leia I Pedro 1:10 e 12.

Compreendeu João Batista – chamado por Jesus Cristo o maior de todos os profetas – claramente o ministério de Cristo? Não; ele enviou seus discípulos para perguntarem a Jesus se Ele era o Messias ou se deveriam esperar outro (Mat. 11:2).

Seres humanos

Obviamente o dom de profecia não é o dom da onisciência. Das palavras de Jesus, em João 16:12, podemos entender que Deus apenas comunica sabedoria à medida que necessitamos dela e somos aptos para captá-la: "Tenho ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora", Ele afirmou. O que Deus revelou aos profetas eles conhecem. O que Ele não revelou, os profetas não conhecem, pelo menos mais que qualquer outra pessoa também conheça.

Os profetas estão habilitados a cumprir o seu papel porque o Espírito Santo repousa sobre eles, capacitando-os para falar ou escrever as mensagens de Deus para o Seu povo, de um modo seguro. O impacto dessa mensagem é freqüentemente preservado por futuras gerações, de tal maneira que essas gerações possam estar seguras de ter encontrado a Palavra de Deus. Entretanto, enquanto proclamamos a mensagem, às vezes nos deparamos com a humanidade do profeta através de seus escritos.

Um exemplo disso é encontrado em I Cor. 1:14-16. Paulo declara ser agradecido a Deus porque batizou apenas duas pessoas em Corinto. Então, pensando sobre isso posteriormente, ele se recorda que também batizou "a casa de Estéfanos"; não se lembrando de ter batizado mais alguém.

Ellen White lança um pouco de luz sobre esse ponto quando diz que "a Bíblia foi escrita por homens inspirados, mas não é a maneira de pensar e exprimir-Se de Deus. Esta é da humanidade. Deus, como escritor, não Se acha representado. Os homens dirão muitas vezes que tal expressão não é própria de Deus. Ele, porém, não Se pôs à prova na Bíblia em palavras, em lógica, em retórica" – *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, pág. 21.

Não pode haver dúvida a respeito da autoridade da palavra de Deus. Ela é segura e correta. Pedro nos diz que "nenhuma profecia da Escritura" é fruto das idéias e interpretações do profeta. Seres humanos falaram "movidos pelo Espírito Santo" (II Ped. 1:20 e 21). Paulo concorda com esse pensamento, em II Tim. 3:15-17, onde ele afirma que a Palavra de Deus é confiável e poderosa para fazer-nos sábios para a salvação, capacitar-nos para boas obras, através da fé em Cristo Jesus. Posteriormente, ele também declara que a Palavra de Deus é útil para ensinar, repreender, corrigir, e instruir na justiça.

Paulo também diz, entretanto, que Deus partilha um "tesouro", mas o traz em "vasos de barro" (II Cor. 4:7). Deus tem trabalhado com o melhor material que Ele pode encontrar. Não há qualquer falha ou imperfeição na mensagem que Ele dá; porém, o profeta é humano e, como tal, possui limitações.

O falso e o verdadeiro

Como, então, deveríamos julgar entre o verdadeiro profeta e o falso?

Cumprimento das profecias. Freqüentemente citamos Jeremias 28:9, significando que o cumprimento de uma profecia caracteriza o profeta como verdadeiro: "O profeta que profetizar paz, só ao cumprir-se a sua palavra será conhecido como profeta de fato enviado do Senhor." O contexto, entretanto, revela uma contenção profética entre Ananias e Jeremias. Ananias disse que Jerusalém e Judá teriam paz; enquanto Jeremias afirmava que os babilônios viriam destruir Jerusalém, e o reino de Judá não cairia. Jeremias está dizendo que as pessoas saberiam qual dos dois profetas falava a verdade pela maneira como as respectivas profecias aconteceriam. Trata-se aqui de uma situação específica.

Deuteronômio 13:1-5 nos apresenta um quadro mais completo sobre o uso do cumprimento de uma profecia como teste da autenticidade do profeta. Adverte que sinais miraculosos e maravilhas po-

dem acontecer através de um profeta. Mas isso, por si mesmo, não é suficiente evidência para mostrar que o profeta é de Deus. O profeta também ensina o povo a seguir e obedecer ao verdadeiro e único Deus. Jesus segue a mesma linha de pensamento, quando afirma que os verdadeiros profetas serão julgados não apenas pelo cumprimento de suas predições mas também por sua vida de obediência a Deus (Mat. 7:15-23).

Profecias condicionais. Seguramente ninguém considera Jonas um falso profeta pelo fato de Nínive não ter sido destruída, conforme inicialmente foi predito. O anúncio da destruição de Nínive, feito pelo profeta Jonas, era condicional. Como o povo se arrependeu, a profecia não foi cumprida.

Jeremias 18:7-10 parece implicar que tanto bênçãos como castigos prometidos por Deus a uma nação, envolvem condições que esperam a resposta humana que pode mudar o desfecho do que Deus havia predito ou prometido enviar.

Demora no cumprimento profético. Algumas vezes há um aparente retardamento no cumprimento de uma profecia, e uma geração pode não viver o suficiente para ver o evento predito. Um exemplo disso é a predição feita em Ezequiel 26 sobre o destino de Tiro. Ela foi destruída por Nabucodonosor. Entretanto, muitos séculos passaram antes que Alexandre, o Grande, lançasse a cidade ao mar. As gerações que viveram e morreram antes de Nabucodonosor e Alexandre bem poderiam ter questionado se a profecia seria cumprida tal como Ezequiel a apresentou.

Profecia cumprida além do predito. O cumprimento de uma profecia pode exceder a predição original e a geração existente pode não compreendê-la. O nascimento e ministério de Jesus Cristo são exemplos disso. Quem, lendo o Velho Testamento, compreenderia que o Messias de Deus seria exatamente como Jesus mostrou ser? Os judeus sustentavam que nenhum profeta estava predito vir da Galiléia. E eles estavam certos. Entretanto, quando o cumprimento das profecias messiânicas teve lugar, o Messias nasceu em Belém, como fora profetizado, mas viveu o restante da Sua vida na Galiléia.

Poderia uma pessoa que lesse as profecias messiânicas do Velho Testamento ter previsto os principais eventos da vida de Cristo, tais como a Encarnação, ocorrida através de uma virgem camponesa, a

morte por crucificação, e a ressurreição? Atos 1:6 e a história em apreço são ilustrações de como mesmo aqueles que eram íntimos de Jesus, absorvendo cada palavra dita por Ele no momento da ascensão, não compreendiam plenamente os elementos vitais do messianismo e Seu objetivo final.

O cumprimento de uma profecia pode envolver um forte elemento de surpresa. Deus está sempre avançando, expandindo o escopo dos Seus propósitos, respondendo a situações através de maneiras imprevisíveis, dando mais do que Ele promete, porque é um Pai cheio de amor. Essa maneira de fazer além do predito origina-se no caráter criativo de Deus.

As reações dos judeus do primeiro século, ao cumprimento das profecias messiânicas em Jesus, mostra que os profetas podem ter suas predições consumadas, embora seu pleno cumprimento não seja reconhecido por grande número de pessoas na geração pertinente.

Infalibilidade do estilo de vida. Embora seja normal esperar que a piedade seja a consistente marca do estilo de vida de um profeta, também percebemos que os melhores dentre eles tropeçaram e caíram em muitas ocasiões. Foi o caso de Abraão, o primeiro a ser chamado profeta, que negou ser Sara sua esposa. Ele falou uma meia-verdade, dizendo que ela era sua irmã (Gên. 12:11-13 e 18).

Davi enganou o Sumo Sacerdote, para poder comer o pão da proposição. E também foi culpado de abuso do poder, quando tramou o assassinado de um homem para cometer adultério com a mulher deste, possuindo-a finalmente como sua esposa (I Sam. 21:1-6; II Sam. 11).

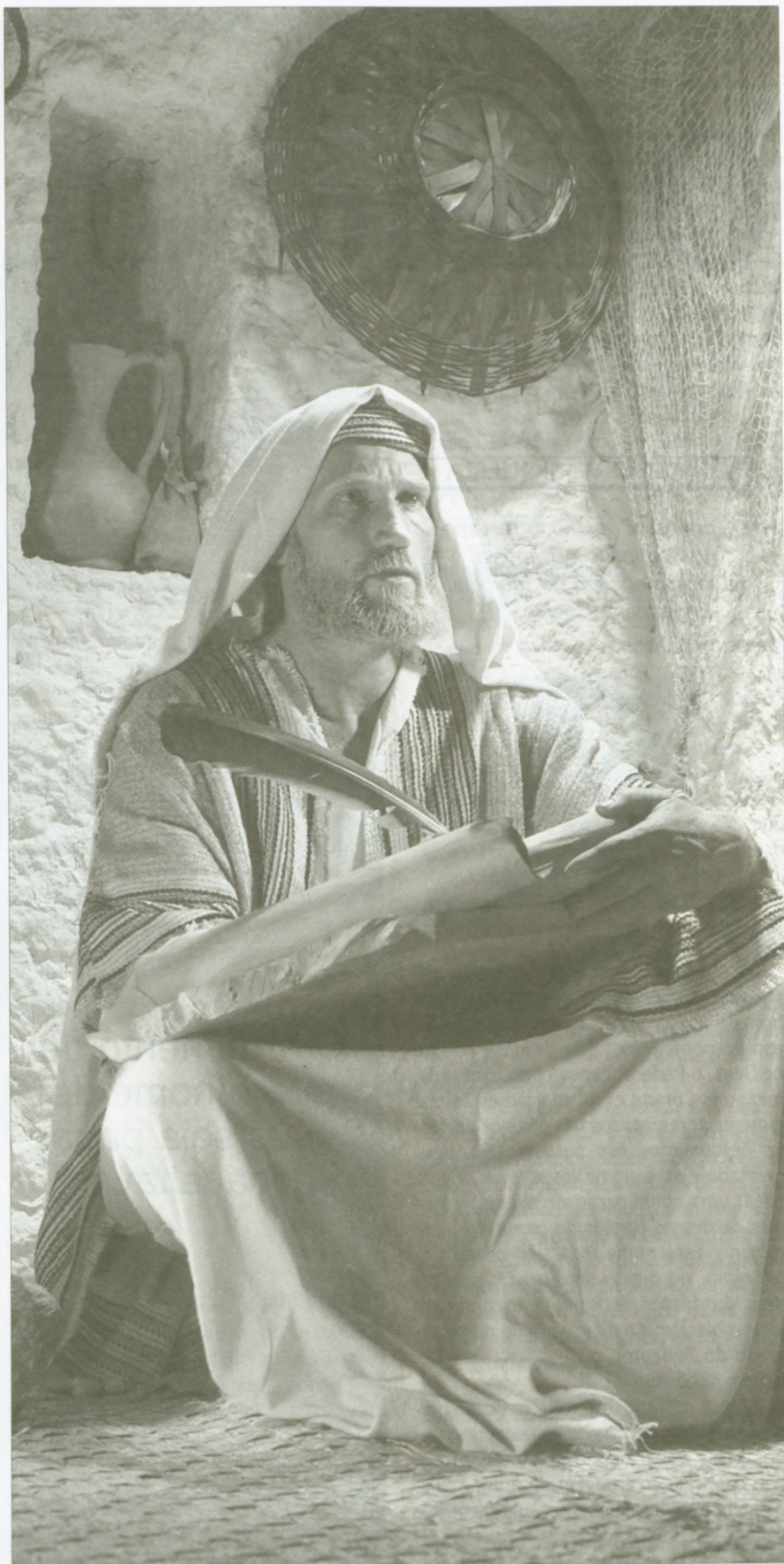
Moisés perdeu a paciência (Núm. 20:9-11).

Seguindo a sugestão do rei, Jeremias mentiu ao povo sobre a conversação entre ambos (Jer. 38:24-29).

Elias fugiu desesperado de Acabe e Jezabel, e pediu a morte (I Reis 19:3-5).

Semelhantes a qualquer outra pessoa, os profetas são fortes apenas quando se mantêm fiéis a Deus; mas quando deixam a Sua mão, eles falham. É importante que, por mais cruciais e fidedignas que sejam suas mensagens, reconheçamos sua humanidade, observando como Deus os usa apesar deles mesmos.

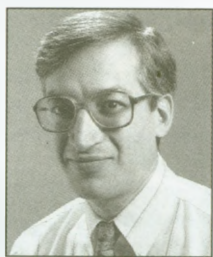
Enquanto aceitamos a humanidade dos profetas, uma compreensão mais clara e realística da natureza de sua obra e relacionamento com Deus e Seu povo será desenvolvida entre nós.



O nome de Jesus

REINALDO W. SIQUEIRA

Ph.D., professor de Antigo Testamento
no Seminário Adventista
Latino-americano de Teologia,
Engenheiro Coelho, SP



Divulgação

Um número crescente de pessoas em algumas comunidades cristãs tem questionado e assumido posição contrária ao uso do nome Jesus, para designar o Filho de Deus, o Redentor encarnado, cuja vida, ministério, morte e ressurreição estão claramente apresentados nas páginas do Novo Testamento. Tais pessoas têm argumentado que o nome Jesus é de origem pagã, uma combinação de diferentes nomes de deuses pagãos do panteão greco-romano. Esse nome teria sido criado por Jerônimo, no quarto século a.D., sob ordens dos bispos de Roma, e esconde em si uma blasfêmia e difamação do nome sagrado do Redentor, o qual seria, em hebraico, *Yehôshua*.

Muitos cristãos sinceros têm ficado perplexos diante dos argumentos apresentados pelos defensores dessa idéia; e, por não conhecerem a origem do nome Jesus, não têm podido avaliar esses argumentos e dar uma resposta adequada à questão. A fim de ajudar àqueles que se preocupam

com o problema, vamos analisar, neste artigo, qual é a origem do nome Jesus, investigando o modo como esse nome chegou até nós, e, finalmente, discutir a validade do Seu uso.

A origem

O nome *lesus* era a forma usada por cristãos da antiguidade, cuja língua materna era o latim, para referir-se aos personagens dos Antigo e Novo Testamentos que tinham o nome de Josué ou Jesus. Isso é evidenciado pelo fato de o nome *lesus* aparecer nas primeiras versões bíblicas para o latim, feitas no segundo século a.D., como também na Vulgata, a tradução latina da Bíblia feita em grande parte por Jerônimo, no quarto século a.D., que se tornou a versão oficial da Igreja

O argumento de que o nome de Jesus seja pagão é inaceitável.

Católica.¹ Esse nome é simplesmente a transliteração natural do grego *lesous*² para a escrita latina.

Quanto à expressão grega *lesous*, ela representa a transliteração grega comum do nome hebraico *Yehôshua* (Josué), ou de sua forma abreviada *Yeshua* (Jesus). O som de "sh" da letra hebraica *shin* é sempre transliterado em grego por um sigma (s). Assim, por exemplo, o hebraico *Moshê* é transliterado em grego por *Mousês*,

de onde vem a forma latina Moisés. O sigma final do nome *lesous* é uma característica natural de certos nomes masculinos em grego (indicando o caso nominativo, a forma básica do nome: o mesmo ocorre com o nome Moisés). Na Septuaginta (tradução do Antigo Testamento hebraico para a língua grega), portanto, Josué é sempre referido como *lesous*, o mesmo acontecendo com o nome de Cristo no Novo Testamento grego.³

A Septuaginta representa a primeira tradução feita do Antigo Testamento. Rabinos judeus, no terceiro século a.C., traduziram o Antigo Testamento (escrito originalmente em hebraico, com algumas porções em aramaico) para a língua internacional mais falada do mundo de então, o grego. Dessa forma, os escritos bíblicos se tornaram acessíveis não só aos judeus da diáspora, que em sua grande maioria não falavam nem entendiam o hebraico nem o aramaico, mas também a todo cidadão do mundo greco-romano da época.⁴

Os livros do Novo Testamento foram escritos no primeiro século a.D., na sua maioria pelos apóstolos de Jesus Cristo, ou por pessoas que estavam intimamente ligadas a eles. Ainda que Jesus tenha falado e pregado em aramaico, tenha lido as Escrituras em hebraico, e Seus discípulos falassem majormente o aramaico, os Evangelhos, o livro de Atos, as cartas de Paulo, Tiago, Pedro, Judas, e o Apocalipse de João, foram documentos escritos em grego,⁵ e todos eles se referem a Cristo como *lesous*.

Em vista da origem e do uso do nome grego *lesous*, tanto na Septuaginta como no Novo Testamento, é inaceitável a argumentação de que o nome Jesus é de origem pagã ou que reflete nomes de deuses pagãos. Essa argumentação ignora completamente a história da tradução e trans-



missão do texto bíblico do Antigo Testamento e da composição do texto do Novo Testamento. Foram rabinos judeus, para o Antigo Testamento, e os próprios apóstolos de Cristo, no Novo Testamento, que registraram o nome *lesous* no texto bíblico, seguindo as normas lingüísticas comuns de transliteração de um nome hebraico para o vernáculo grego.

Quando se lê o Novo Testamento em sua língua original, pode-se ver claramente que Paulo, por exemplo, pregava a Palavra de Deus em grego através do Império Romano, proclamando a salvação tanto a judeus como a gentios, em nome de *lesous*. Seria impensável imaginar que Paulo não sabia o que ele estava fazendo ou que intencionalmente estaria referindo-se a deuses pagãos quando proclamava esse nome.

Comum no judaísmo

Os argumentos usados contra o nome Jesus revelam desconhecimento do fato de que ele aparece abundantemente na literatura judaica desde o terceiro século a.C., até a época de Cristo e dos apóstolos. O historiador Flávio Josefo (35-100 a.D.), escrevendo na língua grega, por exemplo, faz referência a pelo menos 19 personagens judeus que em sua época tinham o nome *lesous*.⁶ Assim, ele nada tem a ver com uma criação dos bispos de Roma, por volta do quarto século a.D., misturando nomes de deuses pagãos ou criando uma nova forma de nome para blasfemar do nome de Deus e do Redentor. Esse nome já existia, havia pelo menos 600 anos, no meio judaico, quando Jerônimo (347-420 a.D.) preparou sua tradução da Bíblia ao latim, conhecida como a Vulgata.

Como pudemos observar até aqui, o nome grego *lesous* é uma transliteração do nome hebraico *Yehôshua* (Josué), ou de sua forma abreviada *Yeshua* (Jesus). Na época de Cristo falava-se o aramaico, uma língua muito próxima do hebraico, na qual os nomes em si não sofriam praticamente nenhuma variação de sua forma original hebraica. O uso do hebraico ficava reservado mais ao culto religioso nas sinagogas e no templo em Jerusalém.

Em vista de que *lesous* pode referir-se tanto ao nome *Yehôshua* (que significa "YHWH é salvação"), ou de sua forma abreviada *Yeshua* (que simplesmente significa "salvação"), qual das duas formas teria sido realmente o nome pelo qual Cristo teria sido chamado em sua língua materna?

As duas formas são totalmente plausíveis. No entanto, deve-se notar que a forma abreviada *Yeshua* parece ter-se tornado a forma mais comum do nome após o exílio babilônico. Já no texto bíblico, por exemplo, em Neemias 8:17, o nome de Josué aparece como *Yeshua* em vez de *Yehôshua*. Há também referência a um certo *Yeshua*, filho de Josadaque (Esd. 5:2). A forma abreviada *Yeshua* é abundantemente atestada nos ossuários judaicos do primeiro século a.D., encontrados nos arredores de Jerusalém, e em Leontópolis e Tel el-Yehudieh, no Egito.⁷

Tudo isso parece indicar que, nos dias de Jesus, a forma mais usada e popular do nome seria *Yeshua*, e que este teria sido o nome de Jesus, em vez da forma mais arcaica *Yehôshua*.⁸ O texto do Novo Testamento parece indicar isso também, especialmente através do jogo de palavras que aparece nos textos da anunciação e dos cânticos registrados por Lucas, no seu evangelho. Se o anjo Gabriel anunciou a Maria que o nome do Redentor, que estava para nascer, seria *Yeshua* (Luc. 1:31), que quer dizer "salvação", esse nome então aparece repetidas vezes nos cânticos registrados nos primeiros capítulos de Lucas. Assim, por exemplo, quando Zacarias canta em Lucas 1:68-79, nos versos 76 e 77, ele teria pronunciado o nome de Jesus, ao dizer: "Tu, menino, serás chama-

do profeta do Altíssimo, porque precederás o Senhor, preparando-Lhe os caminhos, para dar ao Seu povo conhecimento da salvação [*Yeshua*], no redimi-lo dos seus pecados."

Simeão, também, ao tomar Jesus nos braços, teria dito: "Agora, Senhor, podes despedir em paz o Teu servo, segundo a Tua palavra; porque os meus olhos já viram a Tua salvação [*Yeshua*], a qual preparaste diante de todos os povos: luz para revelação aos gentios, e para glória do Teu povo de Israel." (Luc. 2:29-32). O mesmo jogo de palavras parece estar presente no texto de Mateus 1:21, onde o anjo do Senhor disse a José, referindo-se a Maria, que "ela dará à luz um filho e Lhe porás o

nome de Jesus [*Yeshua*], porque Ele salvará o Seu povo dos pecados deles".

O nome e a Pessoa

Ao contrário da opinião daqueles que se opõem ao uso do nome Jesus para o Redentor da humanidade, esse nome possui muito valor dentro das Escrituras Sagradas, na vida e história do povo de Deus. Na época do Novo Testamento, o nome do Messias que era proclamado entre os crentes de fala hebraica/aramaica parece ter sido *Yeshua*. Quando os apóstolos

em Seu nome, ou ainda que não há nenhum outro nome pelo qual importa que sejamos salvos, o autor bíblico está se referindo à pessoa de Jesus e não à forma como o Seu nome é pronunciado, seja em hebraico/aramaico, grego, latim, português, ou qualquer outro idioma. O poder está na pessoa de Jesus Cristo e não na forma da pronúncia do Seu nome.

A fidelidade do verdadeiro Filho de Deus não reside em pronunciar o nome do Redentor numa língua ou noutra, mas em fazer a vontade de Deus, como revelada nas Escrituras. A fidelidade cristã está em entregar, por meio de Cristo, a vida totalmente a Deus e produzir, na dependência do Salvador, os frutos do Espírito, guardando os mandamentos de Deus. Isso é o que o próprio Jesus deixou bem claro ao mencionar: "Nem todo o que Me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos Céus, mas aquele que faz a vontade de Meu Pai que está nos Céus. Muitos, naquele dia, hão de dizer-Me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em Teu nome, e em Teu nome não expelimos demônios, e em Teu nome não fizemos muitos milagres? Então lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de Mim, os que praticais a iniqüidade." (Mat. 7:21-23).



tolos e os outros crentes da Igreja primitiva, no entanto, anunciavam Cristo entre os judeus da diáspora e entre as multidões das nações, eles pregavam e batizavam em nome de *Iesous*, a forma grega do nome de Cristo. De onde vem a expressão Jesus em nosso idioma.

Ora, se isso era correto e apropriado para aqueles que foram diretamente comissionados pelo Senhor para levar Seu evangelho a todo o mundo, e se eles assim o fizeram sob a direção contínua e poderosa do Espírito Santo, seria isso hoje incorreto para os verdadeiros filhos de Deus?

De acordo com o estudo do texto do Novo Testamento, quando se fala em proclamar o nome, ou de que só existe salva-

Barbara Aland, *The Text of the New Testament*. Idem, 1988, págs. 182-188. Pierre-Maurice Bogaert, "Versions, Ancient (Latim)", in *The Anchor Bible Dictionary*, David Noel Freedman (ed.), Nova York, Doubleday, 1992, 6:799-803.

² O ditongo "ou" em grego forma um só fonema com som de "u". Ver Abilio Alves Perfeito, *Gramática de Grego*, 6ª edição, Porto: Porto Editora, 1988, pág. 10

³ Alfred Rahlfs (ed.), *Septuaginta id est Vetus Testamentum Graece iuxta LXX Interpretes*, Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1979.

⁴ Ernst Würthwein, *Op. Cit.*, págs. 49-55.

⁵ Robert H. Gundry, *Panorama do Novo Testamento*, São Paulo: Vida Nova, 1991, xix-xx, 23.

⁶ H. K. Rengstorf, "Iesous", in *The New International Dictionary of New Testament Theology*, Colin Brown (ed.), Grand Rapids, MI: Zondervan, 1988, 2:331.

⁷ Idem, idem.

⁸ O uso de uma forma mais abreviada de um nome, em vez de sua forma mais longa e antiga, é um fenômeno comum na maioria das línguas. Em português, por exemplo, podemos encontrar muito mais pessoas com o nome de Manuel, uma forma abreviada, do que com o original mais longo - Emanuel. Em inglês, por exemplo, encontramos mais Betty do que Elizabeth.

Aproveite esta oportunidade

DOUGLAS E. BATCHELOR

Diretor e orador do programa de televisão Fatos Surpreendentes, e pastor da igreja adventista de Sacramento, Califórnia, Estados Unidos



Divulgação

Milhões de pessoas estão apreensivas em relação ao chamado "problema do ano 2000", Y2K (Y de ano, em inglês, e 2K de 2000), também conhecido como o *bug* do milênio, um sério problema previsto para acontecer na virada do ano. Segundo especialistas, sistemas de computadores mais antigos ainda em uso vão entender que os dois últimos zeros do ano 2000 são do ano 1900. Se os aparelhos não forem adaptados a tempo, a pane resultante provocará uma série de problemas.

Boa parte da apreensão acontece porque ninguém, nem os especialistas, sabe exatamente o que acontecerá e que tipo de impacto isso causará em nossa vida. Alguns predizem uma reação em cadeia global que impedirá o funcionamento de usinas hidroelétricas, sistemas de comunicação, o que levará a um acelerado turbi-

lhão de pânico. Em antecipação ao que consideram uma catástrofe, algumas pessoas, em muitos lugares, estão vendendo livros e fitas cassetes contendo recomendações preventivas que incluem estoque de alimentos, água, combustível, energia, armas e munições. Espera-se também uma grande corrida aos bancos.

O novo milênio que se aproxima também está trazendo temores relacionados com a volatilidade de nossa época. Numerosos desastres naturais, ao lado da instabilidade política, financeira e religiosa, estão misturados a uma cultura que parece estar impulsionada como um navio sem vela, leme ou âncora. Devido à confluência de toda essa dinâmica, o interesse nas profecias bíblicas tem alcançado um ápice nunca dantes atingido.

Na verdade, uma das mais férteis oportunidades evangelísticas pode ser os últimos meses de 1999, enquanto o povo apreensivamente espera o ano 2000 e os iminentes acontecimentos que a última volta do ponteiro trará.

Momento oportuno

Os cristãos, na realidade, não devem estar soprando a chama do frenesi milenário, embora muitos, infelizmente, estejam atuando justamente dessa maneira. Cada coisa relacionada com o *bug* do milênio está sendo explorada por grupos cristãos, que vêm nisso toda sorte de significado apocalíptico. Quaisquer que sejam os motivos, uma coisa é certa: algumas comunidades acabarão enriquecendo em cima do anunciado fenômeno.

Embora não devam alimentar essa loucura milenial, como líderes cristãos temos sempre encorajado o aproveitamento

de cada oportunidade para pregar o evangelho de Jesus Cristo. Paulo demonstrou esse princípio em Atenas, quando usou a idolatria dos atenienses como trampolim para a proclamação do verdadeiro Deus: "Porque, passando e observando os objetos de vosso culto, encontrei também um altar no qual está inscrito: Ao Deus Desconhecido. Pois esse que adorais sem conhecer, é precisamente Aquele que eu vos anuncio" (Atos 17:23).

Foi o mesmo Paulo quem também declarou: "Fiz-me fraco para com os fracos, com o fim de ganhar os fracos. Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns" (I Cor. 9:22).

Evangelismo é alguma coisa parecida com a sincronização na agricultura; e o tempo é crucial. Muitas vezes, as estações e as condições do tempo ditarão o planejamento do agricultor. Semelhantemente, um ministro deve estar preparado para agarrar-se às oportunidades férteis para conquistar novos crentes. Escrevendo a Timóteo, Paulo admoestou: "Prega a Palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina" (II Tim. 4:2).

Por Sua vez, Cristo também ensinou: "Chegada a tarde, dizeis: Haverá bom tempo, porque o céu está avermelhado; e, pela manhã: Hoje, haverá tempestade, porque o céu está de um vermelho sombrio. Sabeis, na verdade, discernir o aspecto do céu e não podeis discernir os sinais dos tempos?" (Mat. 16:2 e 3). Na verdade, não precisamos ser meteorologistas espirituais para ver que esta janela aberta precisamente antes do ano 2000 é um tempo de ouro para lançar a semente do evangelho e colheita de almas. "A sea-

ra é grande, mas os trabalhadores são poucos. Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a Sua seara" (Luc. 10:2).

Evangelismo total

Tal como no relato da história de José do Egito, os tempos de fartura são frequentemente seguidos por tempos de escassez. O entusiasmo na montanha é, não raro, seqüenciado pela monotonia do vale. Provavelmente haverá um elemento de pânico e variados graus de expectativas milenárias à medida que nos aproximamos do fim do ano. Mas o que deveria causar mais preocupação é a paralizante apatia que pode ocorrer depois que o ano 2000 chegar, quando as crises evaporarem e todos se unirem cantando a paz. Na primeira carta aos cristãos de Tessalônica, Paulo adverte que "quando andarem dizendo: Paz e segurança, eis que lhes sobrevirá repentina destruição, como vêm as dores de parto à que está para dar à luz; e de nenhum modo escaparão" (1 Tess. 5:3).

Na parábola das dez virgens, todas elas estavam dormindo quando o noivo apareceu (Mat. 25:1-13). Um dia antes do dilúvio anunciado por Noé, e do fogo que destruiu Sodoma, o sol brilhava sobre indivíduos que estavam mais ocupados em comer, beber, "casar e dar-se em casamento". O que deixarmos de fazer agora, durante estes tempos de grande oportunidade, teremos que nos esforçar para cumprir em um tempo de paralizantes apatia e indiferença. João 9:4 diz: "É necessário que façamos as obras d'Aquele que Me enviou, enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar." Essa é a razão pela qual devemos fazer todo o possível para usar a janela de oportunidade oferecida pelo fim do milênio, no sentido de alcançar pessoas para Cristo.

Uma forma prática de os pastores e membros das igrejas capitalizarem sobre a maravilhosa oportunidade do momento, é o envolvimento no evangelismo, em todas as suas formas: campanhas públicas, programas de rádio e televisão, distribuição de literatura, estudo bíblico pessoal, classes bíblicas, seminários sobre Daniel e Apocalipse, programas de saúde, etc.

Suprimento espiritual

Estando os membros leigos devidamente motivados, treinados e equipados, os últimos meses de 1999 poderão representar a época de melhor colheita evangelística deste milênio.

Centenas de pessoas têm me abordado com a pergunta: "O que posso fazer pessoalmente a fim de preparar-me para o Y2K e a vinda do novo milênio?" Usualmente essa questão está emoldurada num contexto específico. Algo como: deveriam essas pessoas vender seus lares, mudar para outro país, estocar alimento, combustível e outros produtos necessários à sobrevivência? Minha primeira reação é advertir contra a tentação de pensar que podemos salvar-nos por encher a despensa com provisões materiais.

Toda religião falsa está baseada na confiança do homem em suas próprias boas obras para a salvação. Não podemos cair nessa armadilha. Devemos crer no desconhecido, assim como cremos no conhecido. Se fizermos da preparação espiritual nossa prioridade, Deus pode suprir todas as nossas necessidades temporais, mesmo que seja necessário um milagre.

Não é pecado fazer provisão prática para uma potencial época de "vacas magras". Deus falou a Noé para armazenar recursos suficientes para seu cruzeiro de juízo. E Salomão escreveu: "O prudente vê o mal e esconde-se; mas os simples passam adiante e sofrem a pena" (Prov. 22:3). Equilíbrio inteligente e prático é o segredo. Mesmo assim, nossa confiança suprema deve repousar em Deus; do contrário, estaremos inclinados a repetir o erro do louco mesquinho que colocou sua confiança nos bem estocados celeiros, ao qual Deus disse: "Louco, esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será?" (Luc. 12:20).

O verdadeiro preparo

Que tipo de preparo para o Y2K você pode, como pastor, sugerir àqueles que lhe perguntam a respeito?

Armas e equipamentos? Sim. "Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, depois de terdes vencido tudo, permanecer inabaláveis" (Efé. 6:13).

Ouro, roupas, e suprimento médico? Sim. "Aconselho-te que de Mim compres ouro refinado pelo fogo para te enriqueceres, vestiduras brancas para te vestires, a fim de que não seja manifesta a vergonha da tua nudez, e colírio para ungires os olhos, a fim de que vejas" (Apoc. 3:18).

Alimento e água? Sim. "Ah! Todos vós, os que tendes sede, vinde às águas; e vós, os que não tendes dinheiro, vinde, comprai e comei; sim, vinde e comprai, sem dinheiro e sem preço, vinho e leite. Por que gastais o dinheiro naquilo que não é

pão, e o vosso suor, naquilo que não satisfaz? Ouvi-Me atentamente, comei o que é bom e vos deleitareis com finos manjares" (Isa. 55:1 e 2).

Deveríamos correr ao banco e retirar nosso dinheiro, como medida preventiva contra alguma pane no sistema de computação? Talvez, mas toda moeda terrestre está sujeita a desvalorização e roubo, de qualquer modo. Devemos estar seguros de que temos uma pedra de grande preço no seguro depósito de nossa alma: "Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a Terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam; mas ajuntai para vós outros tesouros no Céu, onde traça nem ferrugem corrói, e onde ladrões não escavam, nem roubam; porque onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração" (Mat. 6:19-21).

Ao responder a questões sobre preparação material, esteja seguro de oferecer o dom de Deus que ajuda em qualquer dificuldade. Ofereça esperança! Algumas pessoas sentem desespero quando confrontadas com a possibilidade de crise em meio aos desafios pessoais com os quais elas lutam. Qualquer que seja a teoria ou cenário que elas possam encontrar, as verdades eternas da Bíblia compõem a amorosa carta do único que conhece o fim desde o princípio. Podemos confiar nEle para ajudar-nos em qualquer perplexidade que possa aparecer. Daniel e Apocalipse contêm a mensagem necessária para nosso tempo. Conhecimento é poder e outorga coragem, não importando o que aconteça adiante.

Com o Pão da Vida e a Água Viva em nosso arsenal, protegidos pela armadura de Deus e informados por Sua Palavra, ministraremos cheios de poder, em meio a qualquer grau de inconveniência ou caos que possa vir durante o próximo milênio. A época do *bug* do milênio pode trazer temor e desconforto; mas também pode ser um tempo de conversões em quantidades jamais vistas. Embora não possamos fazer muito a respeito da primeira opção, devemos, pelo poder de Deus, fazer algo em relação à última.

Os modernos instrumentos da tecnologia, a Internet, o satélite, o rádio, a imprensa altamente veloz, fitas de áudio e vídeo, têm feito da pregação mundial do evangelho um alvo atingível. Isso é por si mesmo um fato sensacional, pois Jesus prometeu: "E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então, virá o fim" (Mat. 24:14).

Os degraus da ética cristã

JUAN E. MILLANAO O.

D.Min., professor no Seminário Adventista Latino-americano de Teologia, Engenheiro Coelho, SP



Divulgação

É possível, para os adventistas do sétimo dia do fim do século 20, ter uma vida consistente com os elevados requerimentos éticos da Bíblia? A resposta do apóstolo Pedro é positiva. Entretanto, devido a que estamos ligados pela ética tanto a Deus como aos homens, o relacionamento com Deus precede a qualquer conduta ética do cristão no mundo.

Para os adventistas modernos, a ética não está determinada por um conjunto de regras exteriores, mas por uma apropriada relação espiritual com Cristo. É nesse contexto que observamos a lista de virtudes éticas elaborada pelo apóstolo Pedro: "Por

isso mesmo, vós, reunindo toda vossa diligência, associai com a vossa fé a virtude; com a virtude, o conhecimento; com o conhecimento, o domínio próprio; com o domínio próprio, a perseverança; com a perseverança, a piedade; com a piedade, a fraternidade; com a fraternidade, o amor" (II Ped. 1:5-7).

Essas virtudes constituem uma progressão ética e um caminho seguro de perfeição cristã. Os requerimentos éticos de Deus, enumerados pelo apóstolo Pedro, foram estabelecidos num plano muito elevado, precisamente para que jamais os alcancemos por nós mesmos. Para viver uma conduta ética aprovada por Deus, é preciso receber do Altíssimo quatro oferecimentos: justiça, fé, poder e conhecimento.

Deus pede e dá

A justiça de Cristo possibilita a vida ética cristã. Pedro afirma que é mediante essa justiça que é alcançada a fé (II Ped. 1:1). É interessante que a expressão "Salvador" é encontrada cinco vezes ao longo da carta (1:1, 11; 2:20; 3:2 e 18), e seu acento é mais ético do que cristológico. Também observamos que se trata de uma justiça repartida por Deus, não manufaturada pelo esforço humano. O fundamento da vida ética cristã, segundo Pedro, não é o que é alcançado ou conquistado, mas o que é recebido.

O segundo dom que possibilita a vida

ética de um cristão é a fé. Mas que tipo de fé? Os destinatários da carta são identificados como aqueles "que conosco obtiveram fé igualmente preciosa". Essa fé compartilhada aos leitores é descrita de duas formas: primeiramente, trata-se de uma fé recebida mediante a "justiça do nosso Deus e Salvador Jesus Cristo" (1:1). Em segundo lugar, os destinatários possuem uma fé "igualmente preciosa". Pedro parece afirmar que existe igualdade (entre ele e seus leitores), frente aos requerimentos divinos e às exigências das leis humanas. Em relação a esse último aspecto, cabe lembrar que a lei não discrimina pessoas. Em relação à vida espiritual com Deus, o conceito de igualdade de privilégios e deveres é particularmente significativo.

Porém, essa "fé igualmente preciosa" também pode ser vista como uma advertência velada. Significativamente, Judas observa que Israel foi libertado de uma vez (*hapax*), da terra do Egito, mas depois (*deuteron*), foi destruído por causa da incredulidade (Jud. 5). Apesar de ser a nação escolhida para ser uma bênção a outros povos, sua história está manchada de infidelidade e apostasia.

Os leitores da carta de Pedro são confrontados com uma advertência semelhante. O apóstolo incorpora em sua epístola um provérbio de uso comum no mer-

cado para destacar a lição ética (2:22). O conhecimento espiritual, tal como foi confiado aos leitores, significa proporcionalidade de obrigações e deveres (2:19-22). Deus espera uma vida eticamente íntegra, de acordo com os privilégios, ou seja, com a fé recebida.

O terceiro elemento que possibilita a vida ética é o poder divino, "visto como, pelo Seu divino poder, nos têm sido doadas todas as coisas..." (1:3). Pedro enfatiza que o poder que conduz à vida ética não reside na fortaleza humana, mas na provisão divina.

O quarto oferecimento divino para a vivência da ética cristã é o conhecimento (v. 3 u.p.). No dizer de Pedro, esse conhecimento não equivale a que os requerimentos éticos sejam frutos da razão (*logos*) ou do conhecimento (*gnosis*), mediante os quais se chegaria à plenitude da natureza humana. O cristão é chamado por Pedro a ser transformado mediante o conhecimento completo (*epignosis*) da graça divina (1:1 e 2; 3:18). A graça divina chegou aos crentes, bem como o conhecimento, isto é, a consciência prática de que essa graça é libertadora e salvifica em sua natureza.

A primeira implicação disso é que o conhecimento de Deus torna possível o crescimento na graça e paz. Esse axioma abre a carta (1:2) e a encerra (3:18). A segunda implicação é que a graça operando mediante o conhecimento de Deus, tem como consequência prover tudo na forma de recursos divinos necessários para a vida e a santidade (1:3 e 4).

Por outro lado, o impacto ético e geral do conhecimento deve ser compreendido em conjunto com a palavra piedade (*eusebia*). Depois da saudação que o apóstolo faz na epístola, as expressões "conhecimento" e "piedade" estão unidas (1:3 e 4) de tal maneira a atender duplamente a estratégia de Pedro.

Primeiramente, aparecendo juntas, elas provêm uma visão antecipada do peso ético posterior de Pedro – "embora estejais certos da verdade já presente convosco e nela confirmados" (1:12). O apóstolo parece perguntar: "que tipo de pessoas vocês devem ser, ao guiar a própria vida em busca de santidade e piedade?" (3:11). Em segundo lugar, as palavras combinadas esperam ter uma consequência positiva, ou seja, que cheguemos a ser participantes da natureza divina (1:4); e outra negativa: que possamos escapar da corrupção que há no mundo (1:4, u.p.).

A fuga da concupiscência não está re-

lacionada com a supressão dos desejos da carne, mediante o cultivo rigoroso das virtudes, como um exercício puramente racional em vez de espiritual. A ética de Pedro tem uma concepção tanto racional como espiritual. Enquanto ele pressupõe a distinção cristã da graça (1:2), a vontade de lutar contra a carne deve ser posta em evidência. Isso é aplicado a cada indivíduo, incluindo aqueles nos quais se destaca a depravação moral. Dotados da justiça de Cristo, da fé, do poder divino e do conhecimento do Salvador, temos um caminho a percorrer, uma escalada ética a fazer. "O apóstolo Pedro coloca diante de nós a escada do progresso que devemos galgar, de maneira que obtenhamos a aprovação de Deus", diz Ellen White.¹

Progressão ética

A lista das virtudes de II Ped. 1:5-7, diferentemente das outras listas do Novo Testamento, revela uma lógica progressão. Cada virtude está fundamentada na virtude precedente. Em consequência disso, nessa relação, a fé pode ser vista como o fundamento da ética cristã e o amor como seu clímax. Como instrumento pedagógico, a escada de virtudes descrita por Pedro tem sua força derivada de uma padronização dos tipos de conduta humana. Os indivíduos podem ver-se a si mesmos no quadro apresentado, quer seja em seus pontos débeis como nos que requerem atenção especial. Esse quadro permite uma avaliação das capacidades reais de um cristão. É isso suficiente? Não. O objetivo de Pedro é também mostrar a fonte de poder para uma vida ética robusta.

É interessante notar que o apóstolo começa a descrição das virtudes éticas com uma forte declaração: "Por isso mesmo, vós, reunindo toda vossa diligência..." (1:5). A diligência humana é a resposta almejada, diante das dádivas divinas. É chegado o momento para que os pensamentos dos versos 3 e 4 sejam transformados numa expressão concreta, de acordo com as atitudes mencionadas nos versos 5 a 7. Os oito passos progressivos para a santidade ética, de acordo com Ellen White,² são: fé, virtude, conhecimento, domínio próprio, perseverança, piedade, fraternidade, amor.

A fé aqui mencionada não é, como interpretava o catolicismo primitivo, fé objetiva em um credo dogmático estabelecido contrariamente às heresias do segundo século. Não se trata de uma fé transmitida por meio da tradição, mas uma fé vibrante, ativa. É uma fé que crê em Cristo, não

meramente uma fé que concorda com certas doutrinas. Um crente perseguido, sem amigos e influência, está em condições de começar a subir a escada ética cristã, apenas com sua preciosa fé em Jesus. "É mediante a fé que os passos são dados, um por vez, ao subir a escada do progresso. A fé deve ser cultivada."³

Seria então a falta de fé responsável pelo rompimento da ética? A resposta de Pedro é óbvia, e a experiência de Israel é um exemplo eloqüente (Deut. 1:30-32; 9:23). Os israelitas foram desobedientes porque não criam.

A fé não deve ser confundida com pressunção. E se isso acontece com um irmão, este deve ser ajudado, não com adulações, mas ensinando-se-lhe a colocar os pés no primeiro degrau da escada ética.

A palavra grega *areté*, traduzida como virtude, denota qualquer ato que manifesta uma alta estima por uma pessoa.⁴ De acordo com Pedro, essa atitude ética está ligada ao exercício da fé. Na expressão *areté*, tal como usada nesse texto, o escritor pode ajudar a formar na mente de seus leitores originais a relação entre o caráter de Deus e o humano.

Segundo o ponto de vista de Pedro, a correlação entre virtude e conhecimento não é de pouca importância. Sua afirmação aponta para uma compreensão prática do significado de justiça. Não indica um conhecimento técnico, segundo muitos imaginam hoje. Mas então do que se trata? A percepção inspirada de Ellen White esclarece:

"Podemos ter um conhecimento de Deus e Sua verdade – um conhecimento que está além de toda compreensão. Que linguagem podemos achar para expressar o conhecimento que nos chega quando Cristo revela Sua presença, e nosso coração é suavizado e subjugado por Seu poder? Tal conhecimento está além de toda expressão. Não podemos explicá-lo, mas podemos possuí-lo."⁵ A mesma autora acrescenta: "Como podemos conhecer a Deus? Por meio do cumprimento de Sua palavra. Temos segurança nisto. Lede o primeiro capítulo da segunda carta de Pedro. Todo o capítulo é uma segurança para o verdadeiro crente."⁶

Conhecimento não é um alvo em si mesmo. Ao contrário da filosofia especulativa, na qual *gnosis* sustém a aquisição de todas as virtudes, na escada progressiva de Pedro, o conhecimento é uma extensão e não a única base da virtude e da fé de uma pessoa. Ai o conhecimento está fundamentado em uma graça revelada

(1:2). Isso implica que divorciado da fé e da virtude, o conhecimento pode chegar a ser prejudicial, tal como testemunham os coríntios.

No contexto em consideração, conhecimento significa uma manifestação prática ou aplicação do que é conhecido como verdadeiro. Deveria progredir até um maior controle próprio na vida dos leitores. O avanço em conhecimento, em palavras simples, possibilitará um estilo de vida exemplar, virtuoso, sóbrio e temperante.

A conexão orgânica entre conhecimento e domínio próprio não é incidental. Ambos estão naturalmente unidos, assim como suas opostas ignorância e concupiscência. Pedro escreve que esses dois últimos aspectos encontraram uma irrepreensível união: "Como filhos da obediência, não vos amoldeis às paixões que tínheis anteriormente na vossa ignorância" (I Ped. 1:14). Nosso domínio próprio somente é possível porque, em primeiro lugar, o poder divino pode mantê-lo sob controle; e, em segundo lugar, porque Deus é paciente, não desejando que ninguém pereça (II Ped. 3:9).

O próximo degrau da escada ética é a paciência. Essa palavra é a mesma que aparece no conhecido texto 3:9, e que retrata a longanimidade de Deus. Parece que Ele revela Sua paciência de duas maneiras: controlando Seu poder onipotente e sofrendo muito pela humanidade. Os sofrimentos de Deus foram anunciados desde o início da história humana, especialmente em Gênesis 3:15. Então, qual é o modelo e a extensão da paciência que Cristo espera de Seus seguidores? É evidente que aqui há um custo psicológico a ser pago quando se deseja exercer paciência no poder de Cristo.

A ligação entre domínio próprio, paciência e piedade (*eusebia*), que é o próximo elo na seqüência de Pedro, é transparente e lógica na progressão da ética cristã. Significativamente, todas as aparições de *eusebia* estão confinadas às epístolas pastorais e a II Pedro 2, onde se destaca um estilo particular de vida ou uma con-

dução digna de louvor. A alma da religião, depois de tudo, é sua prática.

A virtude da piedade se expressa nas relações mútuas, ante o mundo e os domésticos da fé. Junto com a reverência prestada a Deus, uma pessoa aprende a respeitar outra. Por certo, o evangelho não teria muito significado na vida de um indi-

tudo estaria incompleto. A moralidade cristã é distintivamente a moralidade do amor. É moralidade que frutifica, que dá evidência do trabalho interno da graça. Então essa atitude não é ascetismo, mas um ambiente que está baseado e flui de uma fonte divina. O amor então é o clímax da progressão iniciada na fé recebida pelo crente.



Duas lições

Uma boa doutrina produz uma apropriada conduta ética. Depois de apresentar os dons divinos da justiça de Cristo, da fé, do poder divino e do conhecimento da graça encarnada em Cristo, Pedro nos desafia a acrescentar à nossa fé as oito atitudes éticas já comentadas.

Mas existem duas importantes lições das quais não nos devemos esquecer. A primeira diz respeito à observação de que as virtudes descritas não podem estar mutuamente desconectadas; nenhuma é independente das outras. São de caráter relacional. A segunda lição, as virtudes éticas muito menos apelam a uma justificação pelas obras. Isso porque abundante graça e recursos divinos foram postos disponíveis ao crente (1:1-4). E mais, a entrada no reino divino será ricamente suprida pelo próprio Cristo (1:11).

Enquanto alguém progride espiritualmente em sua vida, na dimensão da adição, Deus trabalha simultaneamente em seu favor, mediante a multiplicação. A promessa de graça e paz nos pertence, não importando em que degrau da escada nos encontremos neste momento. Conseqüentemente, fazer comparações entre os santos e nós, não é uma atitude ajudadora. Para um adventista do sétimo dia, o modelo de ética sempre foi e será nosso Senhor Jesus Cristo.

Referências:

- 1 Ellen G. White. *Signs of the Times*, 25/05/1891, pág. 3.
- 2 _____, *Mordomia e Prosperidade*, pág. 116.
- 3 _____, OHC, 67, *The Precious Treasure of Faith*.
- 4 W. E. Vine, *Expository Dictionary*, vol. 4, Revell, New Jersey, 1981, 4:189.
- 5 Ellen G. White, *Peter's Counsel to Parent*, pág. 25.
- 6 _____, *General Conference Bulletin*, 07/01/1900, pág. 25, "Unity Among Believers".

viduo se não afetasse positivamente as relações com o próximo.

O amor fraternal (*filadelfia*) está muito unido à piedade. Na carta de Pedro, *filadelfia* descreve o afeto que uma pessoa nutre por seus familiares (o que nem sempre é tão óbvio) e pelas outras pessoas em geral. Em II Pedro, somos confrontados com nossa tendência ou orientação habitual. Sem pretender ser excludentes, podemos indagar-nos se estamos orientados para as habilidades ministeriais ou para a integridade ética manifestada para com os outros. Pedro apresenta a vida em relação com nossas palavras, com nossa integridade, não com a soma de habilidades.

A escada ética de Pedro alcança seu ápice com o amor (*agape*), o qual distingue o espírito ou ambiente cristão, e sem o qual

A suprema vocação

VERNON C. GROUNDS

Ph.D., diretor do Seminário Batista Conservador, em Denver, Colorado, Estados Unidos



Divulgação

De vez em quando nossos estudantes são obrigados a explicar para seus amigos o tipo exato de escola a que eles freqüentam. "É um seminário no Colorado", diz algum deles. Qual a reação dos interlocutores? Algumas vezes, sorriem mostrando aprovação e exclamam: "Ótimo! Que Deus o abençoe em sua vocação." Outras vezes, apenas resmungam: "Que bom!" Sua atitude implica que, embora vejam o ministério como uma vocação requintada e respeitável, também a consideram um tanto peculiar, talvez algo parecido com um agente funerário.

Em algumas ocasiões, com os olhos arregalados, as pessoas perguntam: "Por que você decidiu estudar em um cemitério?" E elas não estão fazendo jogo de palavras; honestamente confundem o seminário com um cemitério.

Dependendo do grau de interesse dessas pessoas, os seminaristas têm a oportunidade de explicar que cada crente é um ministro, o que quer dizer simplesmente um servo. Podem também dizer que ca-

da crente é ordenado, embora nem todos possam testemunhar, pregando o evangelho em terras longínquas. Cada crente recebeu a imposição das mãos perfuradas de Cristo. Os seminaristas podem igualmente explicar que a esmagadora maioria dos crentes desempenha um ministério como "fazedores de tendas". Ou seja, em meio ao exercício de uma atividade profissional secular, trabalham e testemunham por seu Senhor.

Eles ainda podem explicar que o Espírito Santo soberanamente outorga dons a certos crentes e os chama à vocação do serviço cristão; um chamado que os leva a dedicar todo o seu tempo e seus talentos à propagação do evangelho. Ao lado disso, podem dizer que, embora eles se sintam chamados para o ministério, não se consideram pertencentes a uma casta superior de crentes. Quem sabe, podem até citar Robert Browning quando mencionou que "todo serviço é igual diante de Deus", e que a única demanda que Ele faz é obediência e fidelidade à Sua vontade soberana.

A opinião dos críticos

Hoje, o mundo está repleto de críticos que vêem a vocação ministerial da mesma forma como nossos filhos vêem uma locomotiva a vapor – uma curiosa sucata remanescente de um tempo superado. Por tudo isso, costumo advertir meus alunos para que não se deixem surpreender ao encontrarem esses auto-nomeados juizes das escolhas alheias, e não se permitam sucumbir às pressões que fazem.

O crítico pode sorrir desdenhosamente e perguntar: "Por que você está se preparando para o ministério vocacional? É verdade que você tem o direito de fazer muitas escolhas; mas, entre essas escolhas, por que justamente esta?" E ele pode continuar argumentando, lembrando o que C.

L. Sulzberger, correspondente internacional do jornal *New York Times*, escreveu em sua autobiografia intitulada *A Long Row of Candles* (Uma Longa Fila de Velas): "Em meu tempo, a vida de um jornalista era esplêndida... [mas] hoje é como ser um ferreiro dos anos 1919 – ainda um honrado e habilidoso fabricante de ferraduras, que já não atrai atenção."

Você vê, seus juizes podem continuar tentando impressioná-lo de que está literalmente apostando na profissão errada. Não compreende você que a instituição religiosa é como uma velha fábrica artesanal de ferraduras? Não está desperto para o fato de que, no futuro próximo, um profissional religioso será como um ferreiro, um homem com treinamento e habilidade que não tem oportunidades no mercado? E o interlocutor persiste: por que qualificar-se para um trabalho que brevemente se tornará tão arcaico como caçar búfalos?

Numa sociedade urbanizada, onde os búfalos já não perambulam pelas ruas, essa é uma maneira estranha de garantir a sobrevivência, e, mais que isso, inútil. De igual forma, ser um ministro de Jesus Cristo em um mundo secularizado também parece estranho e excêntrico. Por que então, os implacáveis críticos podem concluir, colocar a vida numa ratoeira eclesiástica?

Sim, não me canso de advertir nossos estudantes. Qualquer dia desses eles podem encontrar um cínico empenhado em desanimá-los. É preciso ficar atento para resistir aos ataques, ou, até você, ministro já formado e experimentado, poderá ser achado entre os que se tornaram desobedientes à visão celestial. De fato, por essa razão, gosto de enfatizar a grandeza da vocação ministerial. Em minha opinião, é realmente a maior tarefa que alguém pode realizar no mundo. A despeito dos críticos e juizes, eu insisto que, sem qualquer exa-



gero, a vocação ministerial ainda é o mais importante trabalho da Terra.

O maior bem

Estou bem ciente de que ao insistir em tais afirmações, exponho-me à enxurrada crítica dos céticos do cristianismo institucionalizado. Um deles pode comentar: "Ouçam esta peça de alegação jesuítica por um empregado da indústria da pregação!" Outro pode dizer: "Ele está batalhando duro para garantir seu salário." Um terceiro crítico pode ainda argumentar: "Talvez ele esteja sofrendo complexo de inferioridade. Depois de tudo, na vasta cordilheira da educação moderna, um lugar como um seminário teológico parece mais baixo que uma pequena colina."

Apesar disso, parece-me que todo estudante em fase de preparo para o ministério cristão tem o direito de apropriar-se pessoalmente da santa jactância de Paulo em Romanos 11:13: "...eu sou apóstolo dos gentios, glorifico o meu ministério." Aqui está uma vocação que merece ser glorificada em vez de ser diminuída. Um chamado que deve encher aqueles que o receberam de gratidão e santo orgulho. Aqui está uma tarefa que jamais poderá ser tida como demasiadamente exaltada, a tarefa de servir a Cristo vocacionalmente; uma tarefa que é, repito, a mais importante atividade no mundo.

Eu me considero um fanático dessa opinião porque, construído no mais firme fundamento – Cristo Jesus –, o ministério do evangelho ensina a maior verdade, oferece o maior bem, satisfaz as maiores necessidades e encerra a maior esperança. Que outra atividade pode, então, rivalizar com ele?

Qual é, por exemplo, a maior verdade? Será aquela a respeito dos restos fósseis ensinada pelos paleontólogos? Será a verdade que aborda os problemas urbanos, divulgada pelos sociólogos? Ou a que discute os hábitos humanos, ensinada pelos psicólogos? Não. Por mais valiosas e vitais como essas verdades possam ser, elas não são a maior verdade para o homem. Esta é a verdade ensinada pelas Escrituras Sagradas. É a verdade que parte de dois tremendos textos, um do Antigo Testamento e outro do Novo Testamento.

Esses textos são de tal forma significativos que, se eu tivesse autoridade política, mandaria que fossem inscritos em cada biblioteca do nosso país, cada laboratório, nas câmaras legislativas, salas de leitura e de espera. O texto do Antigo Testamento está no livro de Jeremias: "Assim diz o Senhor: Não se glorie o sábio na sua sabedoria, nem o forte, na sua força, nem o rico, nas suas riquezas; mas o que se gloriar, glorie-se nisto: em Me conhecer e saber que Eu sou o Senhor e faço misericórdia, juízo e justiça na Terra; porque destas coisas Me agrado, diz o Senhor" (Jer. 9:23 e 24).

O texto do Novo Testamento encontra-se no Evangelho de João: "E a vida eterna é esta: que Te conheçam a Ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste" (João 17:3).

Ignorância

Até que conheçamos a verdade a respeito de Deus, somos realmente ignorantes. Sendo ignorantes em relação a essa verdade, somos ignorantes em relação a nós mesmos; nossa origem, propósito da nossa existência, nossa identidade e nosso desti-

no. Somos ignorantes a respeito da morte e da eternidade. Ignoramos todas as coisas que realmente importam.

Quando somos ignorantes a respeito de Deus, estamos na categoria sobre a qual Paulo lamenta, ou seja, aqueles "que aprendem sempre e jamais podem chegar ao conhecimento da verdade" (II Tim. 3:7). Sem a verdade sobre Deus, nossas interrogações permanecerão sem respostas, apesar da atual explosão do conhecimento. A propósito disso, o jornalista Max Lerner, em seu ensaio intitulado *The Revolutionary Frame of Our Time* (A Moldura Revolucionária de Nosso Tempo), escreveu alguns anos atrás que os jovens estão atormentados e perplexos por toda sorte de questões.

"Há a questão da emergência: que tipo de personalidade eu posso formar, e em que tipo de sociedade? Há a questão das oportunidades: estou eu dando a outros uma chance para a vida, chances iguais às minhas? Há questões de individualidade: quem sou eu? Quais são os meus laços de conexão com minha família, minha comunidade, meu país, meus semelhantes? Há questões de transcendência: posso eu fazer uma jornada em meu interior, a qual é a mais perigosa de todas as jornadas? Posso eu ousar enfrentar uma tragédia sem ser destruído por ela?"

"Há questões de compromisso: posso eu trabalhar e cuidar bem desse assunto? Sou capaz de brincar, de dar e receber amor, de correr riscos por alvos e valores? Posso explorar as profundezas e altitudes do contentamento? Finalmente, existem as questões de nexos: Porventura tem minha sociedade o recheio da coesão? Tenho eu um senso de conexão humana, na clara com-

preensão de que o que acontece a outros do mesmo modo também acontece a mim?"

Essas são questões muito profundas. No entanto, na longa lista de Max Lerner, nenhuma vez ele mencionou a questão sem a qual toda questão considerada básica pode ser respondida, isto é, a questão a respeito de Deus. Ele existe? É real? O que Ele deseja? Qualquer homem que ignorar essas perguntas é desesperadamente ignorante sobre si mesmo e sobre a realidade. Não admira, então, que Jesus declare: "Eu sou a verdade."

Oferecendo respostas

Mas, quem ensina essa verdade, que livra qualquer outra verdade da tragédia se degenerar numa fragmentada tolice? Quem a ensina "a tempo e fora de tempo"? O cristão engajado no ministério do evangelho! Essa é a razão pela qual eu glorifico essa vocação, e insisto em que ela é a maior sobre a Terra.

Além disso, a vocação ministerial oferece o maior bem. E qual é, realmente, o maior de todos os bens? A saúde? A alegria? A liberdade? A justiça? A cultura? A beleza? O prazer? A amizade? O sucesso? O poder? Todos esses são grandes valores, acima de qualquer discussão. Cada um deles é um precioso e estimado bem. Mas o maior bem é conhecer Deus através de Jesus Cristo. O maior bem é a alegria proveniente do favor divino. O maior bem é experimentar o perdão de Deus. O maior bem é viver em amizade com Deus. Qualquer pessoa será sempre indigente, se ganhar todos os outros bens debaixo do sol e tiver confiscado de si o supremo bem da vida eterna com Deus, a qual lhe chega somente pela fé em Cristo Jesus.

É necessário, novamente, insistir na questão: quem oferece esse grande bem tanto ao pobre indigente quanto ao materialmente favorecido e rico? Não é outro senão o cristão que, como missionário voluntário, pastor, educador, escritor, evangelista, médico ou capelão, faz parte do ministério evangélico. E essa é a razão pela qual eu insisto em que o ministério é a maior atividade da Terra.

E não apenas isso. O ministério é a mais importante tarefa desempenhada pelo homem, porque ele provê satisfação para a maior necessidade humana. Obviamente, todos têm, em todos os lugares, necessidades cruciais. Algumas tão desesperadoras e urgentes que confundem nossa mente e podem causar um colapso em nosso coração. As pessoas estão famintas; elas necessitam de pão. As pessoas

são iletradas; e necessitam de educação. As pessoas vivem oprimidas; necessitam de liberdade. Quão inexpressivamente grandes são essas necessidades!

Mas a maior de todas as necessidades é o conhecimento de Deus em Jesus Cristo. Pois somente Ele pode dar perdão em lugar da culpa, conforto em lugar da tristeza, companhia em lugar da solidão, amor em lugar do ódio, esperança em lugar do desespero, vida em lugar da morte, salvação eterna em lugar da condenação eterna. Jesus Cristo não concede tais bênçãos, entretanto, por algum tipo de mágica espiritual. Ele usa agentes humanos, Seus discípulos e ministros. Eis porque o ministério é a mais significativa vocação.

Minha alusão à esperança provida por Cristo deve-se ao fato de que, à parte do Seu evangelho, a experiência do homem acaba no mais desolador pessimismo e na mais escura melancolia. Napoleão sonhou conquistar o mundo, e morreu no exílio, clamando: "Os grandes homens são como os meteoros que se consomem tentando iluminar a Terra. Chegou minha vez de apagar." Goethe, aos 75, contemplando as honrarias que tinham sido amontoadas sobre ele, queixou-se: "Minha existência nada foi senão sofrimento e fardo, um perpétuo rolar de uma pedra." O poeta Byron, mesmo sendo admirado como um gênio, na Europa, confessou: "Meus dias são como folhas amarelas, as flores e frutos do amor já se foram. Apenas o verme, o câncer e o pesar me pertencem."

Disraeli filosofou que "a juventude é uma bobagem, a masculinidade um conflito, a velhice uma lástima." O capitão Robert Scott encontrou-se frustrado em sua tentativa de alcançar o Polo Sul e escreveu em seu diário: "Adeus, todos os meus sonhos diários." Malcolm Muggeridge, decano dos colonistas ingleses, ex-editor de uma revista de humor, aos 66 anos, ridicularizou seus ideais de jovem, denunciando o sonho liberal, largamente alimentado pelo homem ocidental quando não estava envolvido na ferocidade das guerras, como um pesadelo.

Disse ele: "Devo confessar que o sonho é um pesadelo. Não posso crer nele, e, como Cortez, olho com presunção selvagem aqueles que o fazem. Se eu projeto o sonho no futuro, parece não haver resultado; somente uma projeção infinitamente ampliada que desaparece nas cinzas da insignificância – nossa economia expandindo-se ano após ano, duplicando, triplicando e quadruplicando, e a prestação da respectiva dívida subindo; televisão em cores, tri-

dimensional, telas gigantes; veículos cada vez mais modernos, estradas amplas; aviões cada vez mais rápidos, supersônicos; poderosas armas de guerra."

Uma grande obra

Onde encontrar esperança no mundo? Onde está a esperança para o mundo? Onde encontrar esperança além deste mundo? A única esperança do mundo está em Cristo Jesus, e Ele é a maior esperança. A única esperança do mundo está em Jesus Cristo, nosso Deus que prometeu vir pela segunda vez, pessoalmente, a este mundo para transformar a tragédia humana em uma gloriosa consumação. Nossa única esperança reside em Cristo Jesus, que, como Clemente de Alexandria tão belamente afirmou, "mudará todos os nossos crepúsculos em alvorada".

Conseqüentemente, os discípulos que conduzem pessoas a seu Mestre estão engajados no maior trabalho na face da Terra. Eles estão conduzindo peregrinos desesperadamente perdidos na densa selva do mundo a Jesus. É por isso que eu estou absolutamente convencido de que nunca será demais exaltar a vocação ministerial. É por isso que eu glorifico o chamado com que Deus me contemplou e a outros tantos ao redor do mundo, incluindo seminaristas. Por isso também nunca cessarei de maravilhar-me na graça de nosso Senhor e Salvador, nosso Mestre, que nos confiou uma suprema mensagem e sagrada missão.

No *King Lear* de Shakespeare, o banido Duque de Kent volta disfarçadamente e se oferece, não importando as dificuldades e perigos, para acompanhar o rei. Aí tem lugar o seguinte diálogo:

Lear: – O que desejas?

Kent: – Servir.

Lear: – A quem desejas servir?

Kent: – A ti.

Lear: – Conheces-me o bastante para fazer isso?

Kent: – Não, senhor, mas tens no semblante algo que me faz chamá-lo de Mestre.

Constantemente tenho lembrado aos nossos alunos que temos visto na face de Jesus Cristo algo pelo que também podemos nos dirigir a Ele como Mestre. De modo que meu desafio para eles é este: Possamos nós firmemente recusar descer do alto nível de Seu serviço e assumir qualquer tarefa menor. Respondamos a todas as críticas e pressões seculares com as palavras de Neemias: "Estou fazendo grande obra, de modo que não poderei descer" (Nee. 6:3).

Desenvolva seu time pastoral

JAMES A CRESS

Secretário ministerial da
Associação Geral da
Igreja Adventista do Sétimo Dia



Divulgação

Quem dentre nós não gostaria de poder investir no desenvolvimento da nossa equipe de auxiliares? Provavelmente, algumas vezes até já pensamos em preparar uma proposta para a Mesa Administrativa do Campo e, impacientemente, aguardar alguma liberação de fundos que nos permitissem a aquisição de recursos para o crescimento da equipe pastoral.

Como a probabilidade disso acontecer é mínima, permita-me apresentar algumas idéias que considero realísticas, práticas, para desenvolver as habilidades de sua equipe, sem apelar para fundos extras da União, Associação ou Missão, e ainda cumprir de um modo que você jamais pensou ser possível, o seu ministério, utilizando mais efetivamente sua liderança voluntária – anciãos, diáconos, diaconisas, etc.

De fato, muitos anciãos de igreja, em virtude de viverem por longo tempo junto à comunidade de crentes, têm melhor compreensão sobre como ministrar as necessidades de sua respectiva congregação do que um membro novato da equipe po-

deria ter. Depois de tudo, a autoridade espiritual que lhes é garantida tanto pelo *Manual da Igreja*, como pela eleição feita pelos membros locais, provêm uma oportunidade única e poder para ministrar de modo efetivo.

Jamais encontrei um pastor que não seja atarefado. Na verdade, muitos pastores estão sempre muito ocupados com múltiplos requerimentos e uma relação infindável de detalhes esperando sua atenção pessoal. Além disso, quanto mais você trabalhar pastoreando, maior será sua lista de “coisas para fazer” em suas expectativas de crescimento. O bom trabalho pastoral gera mais trabalho pastoral. Se você realizar uma visita num hospital, provavelmente encontrará outros parentes e amigos da pessoa a quem foi visitar, que também precisam dos benefícios do seu ministério.

Se estiver envolvido num projeto comunitário, você também poderá expandir o círculo daquelas pessoas que procurarão aconselhar-se com você, em busca de alguma contribuição para solucionar um problema. Ao partilhar um estudo bíblico com um membro em perspectiva, frequentemente você acabará aumentando a lista daqueles que esperam receber um estudo semelhante.

Como enfrentar essa situação? Você realmente necessita de ajuda. Então considere os seguintes conselhos:

Redefinição de papéis. Com muita frequência, temos contribuído para que nossa liderança leiga de um modo geral, e nossos anciãos especialmente, concluam ser o ministério uma atividade de um pastor profissional, e que sua tarefa limita-se apenas a organizar a plataforma de culto, arrecadar ofertas ou contabilizar fundos na tesouraria. Caso seus anciãos tenham essa concepção a respeito da tarefa para a qual foram chamados, uma redefinição

do seu papel é urgentemente necessária. Comece colocando nas mãos de cada um deles uma cópia do *Manual da Igreja*, do *Guia do Ancião* ou exemplares da *Revista do Ancião*. Então realize cursos, usando o currículo constante nesses materiais, com aplicações específicas para a congregação local.

Extensão do pastor. Utilize seus anciãos como uma extensão da sua pessoa e suas atividades ministeriais. Você poderia dar-lhes alguns dos seus próprios cartões de apresentação, comissionando-os a atender compromissos em seu nome. Por exemplo, num hospital, o ancião apresentaria o seu cartão dizendo algo como: “o pastor pediu-me para vir aqui e orar por você”; ou, numa visita a um interessado: “o pastor enviou-me para visitá-lo, entregar-lhe este folheto e convidá-lo para assistir à próxima classe bíblica.”

Apresentando-se em seu nome, com seu cartão de visitas, o ancião identifica claramente a tarefa que lhe foi designada com o papel pastoral, e assegura ao anfitrião que suas necessidades estão sendo notadas e consideradas vitais pela equipe pastoral. Também reafirma aos anciãos que eles estão ministrando por uma designação específica do pastor, em vez de estarem seguindo uma agenda própria.

Amplie sua base de apoio. Talvez você tenha um pequeno grupo de anciãos de líderes leigos que ajudam apenas em alguns projetos, mas não em tudo o que você necessita. Talvez você tenha alguns anciãos que não funcionam tão bem como você deseja; cujo serviço é limitado aos padrões rotineiramente estabelecidos. Recrute novos anciãos para preencher aspectos específicos do trabalho que você deseja realizar; mostre as necessidades para determinadas funções ministeriais. De maneira nenhuma tente excluir ou remover um líder ineficiente. Você até pode ganhar

na votação, mas perder amigos e colaboradores em outras áreas. Em lugar disso, amplie seu grupo disponível de ministério leigo recrutando novos líderes e adicionando-os aos já existentes.

É a função e não a forma que determina o número de anciãos. O ministério dos anciãos deve ser determinado pelas necessidades da congregação, não pelas tradições de uma ou duas pessoas. Muitos pastores se surpreendem de que haja congregações com 30 ou mais anciãos eleitos e ordenados, servindo na equipe ministerial. Por exemplo, uma igreja pode considerar a possibilidade de eleger um ancião para cada dez famílias. E então, designar famílias específicas que serão nutridas por determinados anciãos, num programa de assistência pastoral.

Não se esqueça de incluir anciãos jovens na equipe.

Enfatize o evangelismo. Inculque nos anciãos a convicção de que seu ministério não deve ser limitado aos membros da congregação. A comissão evangélica compele a igreja a lançar-se ao mundo com a mensagem de salvação. Recrute, motive, inspire, treine e capacite anciãos com habilidades especiais para atividades como visitar interessados, dar estudos bíblicos, dirigir classes batismais, conduzir

programas de saúde e orientação familiar para a comunidade, seminários de evangelismo, e representar a igreja diante das autoridades governamentais.

Quando um ancião leva uma pessoa a aceitar a Cristo como seu Salvador e ao batismo, inclua-o no processo de recepção desse novo crente como membro da igreja. Quanto mais a congregação crescer dessa forma, mais anciãos serão necessários para recrutar, treinar e apropriadamente cuidar dos novos crentes.

Ensine através da prática. Melhor do que esperar que seus anciãos automaticamente saibam como servir, convide-os para que estejam ao seu lado e vejam como se faz o trabalho que você deseja que eles façam. Entretanto, não superestime a teoria. Muitos líderes leigos têm recebido tanta teoria e pouca prática, que acabam paralizados pelo conceito errado de que o ministério é tão complexo que somente pastores profissionais podem desempenhá-lo.

Certa vez, num programa de treinamento para anciãos, utilizamos pouco tempo para orientações teóricas, e saímos em seguida para visitar os membros inativos da localidade. No sábado seguinte, quase vinte pessoas, dentre as que foram visitadas, assistiram ao serviço de culto.

Libere os anciãos para o serviço.

Muito freqüentemente, os pastores pensam que eles devem acumular poder para si mesmos, mantendo controle sobre as várias atividades ministeriais. De fato, corre-se algum risco quando se libera os anciãos para ministrar. Isto é, o risco de que eles não realizem o papel ministerial tão bem como você pode fazer. Mas eu creio que aí existe um risco fantástico: o de eles ministrarem melhor do que você. Lembre-se de que sua autoridade pastoral será ampliada enquanto você ajuda seus anciãos a se tornarem ministros efetivos.

Use os anciãos para resolver problemas. Um das maiores bênçãos que os anciãos da minha última igreja providenciaram para mim foi quando eles formaram uma comissão especial para ouvir questões que pudessem surgir entre os membros, ou queixas relacionadas à equipe pastoral. Esse pequeno grupo de cinco anciãos era o primeiro ponto de referência para os membros que estavam em conflito. Cada lado era ouvido com interesse e imparcialidade; ambos poderiam concordar em aceitar o conselho ou enfrentar a disciplina da igreja.

Essa comissão liberava o pastor de ficar julgando conflitos entre membros que, por outro lado, poderiam se sentir injustiçados

se a decisão do pastor fosse vista como tendo favorecido um lado. Os anciãos tornavam-se advogados para a resolução do conflito e uma defesa da liderança da igreja, caso surgissem queixas.

Partilhe seus recursos.

Se você descobrir um livro, uma revista, um artigo, um método de ensino ou de trabalho, qualquer outro efetivo instrumento para o ministério, partilhe sua descoberta com seus líderes. Melhor que guardar todas as técnicas para você mesmo, será partilhar tudo o que aprendeu. Você descobrirá que aprende mais partilhando, além de tornar mais fácil sua tarefa, equipando o seu time pastoral.



Inteligência espiritual

BERNDT DIETRICH WOLTER

Mestre em teologia, professor no Instituto Adventista de Ensino, Engenheiro Coelho, SP



Divulgação

Todo pastor deveria se aprofundar no conhecimento da ciência dos relacionamentos, uma vez que a proposta adventista é mais do que um amontoado de regras destituídas de sentido. Temos mais a oferecer do que um rol de doutrinas prescritivas e sem sentido existencial. Somos responsáveis por ensinar o que temos, não como um fim em si mesmo, mas para que as pessoas possam se relacionar melhor.

Os indivíduos que aprendem o evangelho pela via relacional tornam-se membros vibrantes, ativos líderes de igreja, destituídos daquela formalidade fria que afasta os interessados, mas com um calor humano que atrai os sedentos e necessitados deste século tenebroso em assuntos espirituais. O resultado do estudo dessa ciência é visto nos membros inteli-

gentes espirituais, ou seja, inteligentes nos relacionamentos com Deus, consigo mesmos e com os semelhantes (Mar. 12:28-31). Pessoas capazes de iniciar relacionamentos, desenvolvê-los e mantê-los construtivamente, empregando-os como ilustração do relacionamento de amor que Deus oferece em seus ambientes de família, trabalho e escola.

O pastor adventista, vocacionado por Deus, deve ser um modelo de bom relacionamento. Precisamos assumir nossa identidade, neste tempo do fim, como especialistas nessa área.

O porquê desta ciência

Cada duas pessoas estão ligadas por um fio invisível idêntico em sua natureza, mas inigualável em sua forma. É como se ele fosse de ouro em todas as relações humanas, mas pudesse ser ligado de diversas formas. Assim como cada pessoa é diferente da outra, cada laço liga duas pessoas de forma única e diferente de qualquer outro, apesar de serem do mesmo "material". Não existe nenhuma pessoa que consiga reproduzir a mesma forma de relacionamento, com exatidão, com pessoas diferentes.

O alvo final da ciência dos relacionamentos é esclarecer que a natureza dos laços que nos unem uns aos outros como seres humanos é a mesma dos laços que nos unem a Deus. Não existe nada místico, etéreo ou incompreensível no relacionamento. Deus é um Ser diferente, infinitamente superior em perfeição e em capacidade de re-

lacionar-Se. Mas o tipo de amizade que nos une uns aos outros é o mesmo que nos une a Ele; ou, como dizia o Pastor Walter Boger, "a mesma coisa que nos separa dos amigos nos separa de Deus".

Há relacionamentos onde uma pessoa se envolve muito e a outra, pouco. Alguns relacionamentos são intensos; outros são pacatos. Há relacionamentos mais significativos e construtivos; outros são vividos sem receberem o devido valor. Uns são perversos e maldosos, e outros ainda trazem consigo o colorido contraditório das tendências e vontades humanas. Cada pessoa investe seu jeito de ser e uma linda química ocorre a cada novo laço formado. Essa química transforma cada relacionamento em algo infinito, assim como Deus é infinito.

Há um universo a ser descoberto – uma inteligência a ser desenvolvida na área do relacionamento. Somente aí nos mostramos como a real imagem expressa do Criador, pois foi para isso que Ele nos criou: "Não é bom que o homem esteja só" (Gên. 2:18). Ele disse. Ao desenvolvermos nossa inteligência espiritual ao longo das fases da vida, vamos percebendo nossa inserção no mundo dos relacionamentos. Vamos percebendo como as relações se estabelecem, que perigos elas sofrem, vamos identificando onde elas estão, aprendendo a administrar uma variedade imensa de relacionamentos bem como vamos aprendendo a diferenciar um do outro. Nascermos para relacionamentos, mas não nascemos *experts* nesse assunto.

Geralmente as pessoas fazem planos para construir uma casa. Estudam minuciosamente os passos para o seu progresso financeiro. Mas quando tratam de seus relacionamentos, deixam por conta do acaso. Tratam deles com indiferença, achando que tudo vai dar certo automaticamente, e sem o devido preparo. Aquilo que lhes trará maior grau de satisfação e felicidade na vida é deixado para ser decidido "na hora", no calor das imprevisíveis e instáveis paixões humanas. Acham que a premeditação e o preparo para viver relacionamentos são antônimos de sinceridade e espontaneidade, tão necessárias nesse aspecto da vida. Para eles, o inusitado é o selo de garantia de genuinidade.

Objeto de estudo

A ciência dos relacionamentos estuda os fios impalpáveis que ligam os seres humanos. Algumas evidências podem ser observadas em uma pessoa versada nessa ciência, ou inteligente espiritual. Os conceitos apresentados a seguir são tópicos que servem de autodiagnóstico para os que desejam ser desafiados a se relacionar melhor em todos os níveis.

Uma pessoa inteligente espiritual é aquela que sabe identificar o laço que a liga com as pessoas ao seu redor, e os laços que ligam outras pessoas entre si e todas elas com Deus. Não nega o elo que a coloca em ligação consigo mesma, às outras pessoas e a Deus. Identificar as relações é necessário para vivê-las. Alguém só pode se dar bem com os pais se reconhecer-los como tais. A mãe que joga seu filho no lixo, numa via pública, não identificou o óbvio laço da maternidade. Só haverá entendimento entre amigos e parentes se reconhecerem que há um laço que os une, e que cada laço traz direitos proporcionais a si mesmo.

Uma pessoa inteligente espiritual sabe distinguir o relacionamento que a liga a uma pessoa do que a liga com outra. Percebe que há diferenças entre os variados relacionamentos, sabe quais são as diferenças e sabe como lidar com elas. Está consciente de que a natureza dos relacionamentos, o material de que são feitos é o mesmo; mas a forma como se expressam é diferente. Quem tem dificuldades para distinguir entre as diferentes formas de relacionamentos, pode facilmente cair em relacionamentos confusos e/ou destrutivos. Indivíduos assim vivem realidades com uma pessoa, que só poderiam ser vividas com uma outra, considerando o tipo de relacionamento construído.



Uma pessoa inteligente espiritual valoriza os relacionamentos com Deus, consigo mesmo e com outras pessoas, independentemente da espécie que sejam. Nunca despreza Deus ou pessoas, procurando encontrar caminhos para um bom relacionamento. Valorizar relacionamentos, para inteligentes espirituais, é sair do mundo descartável. Seu lema é "nunca desistir de relacionamentos". Persistir até que um laço destrutivo alcance *status* de construtivo. Nenhuma fortuna, nenhuma posição, nenhuma reputação, nem fama, nem honra, é mais importante do que um relacionamento, quer seja com Deus ou com o semelhante.

Uma pessoa inteligente espiritual procura e consegue desenvolver relacionamentos numa via construtiva, moral e positiva, naquilo que dela depender. Conhece as diferentes vias que o mesmo relacionamento pode percorrer e escolhe vivê-lo pela via mais correta e construtiva. Descobre que cada pessoa tem uma porta de acesso. Para o inteligente espiritual, não há pessoas difíceis; mas pessoas cuja entrada do coração ainda não foi encontrada. A maior parte das pessoas tem a porta da frente aberta, por onde é fácil entrar. Mas outras, por causa de feridas sofridas no passado, permitem acesso apenas aos que se aventuraram a entrar pela chaminé ou pelo porão. Todos têm uma porta de entrada.

Quando um inteligente espiritual sofre dano em seus relacionamentos, não se porta como vítima passiva. Procura ativamente saídas para a continuidade do relacionamento. Não tem medo dos novos

caminhos pelos quais esse relacionamento terá que andar dali por diante. Os tímidos diriam que "nunca mais será a mesma coisa", demonstrando medo de reconstruir o mesmo relacionamento em outra forma. Os inteligentes procurarão criativamente agir para reformar o laço.

Três espécies

Um escriba perguntou, certo dia, qual seria o maior de todos os mandamentos. A resposta de Jesus foi relacional, não legalista: "Amarás, pois, o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força. O segundo é: amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que estes" (Mar. 12:30 e 31). Quando o escriba entendeu o que Ele estava querendo dizer, Cristo lhe disse: "Não estás longe do reino de Deus" (v. 34).

O principal laço é aquele que nos liga a Deus. Esse relacionamento é o conduto pelo qual cada indivíduo recebe capacidade para relacionar-se consigo mesmo e com os outros. Nossa capacidade de amar como Deus ama, de se relacionar como Deus o faz, procede do próprio Deus (1 João 4:18). Em outras palavras, não podemos nos relacionar como Deus espera de nós, sem nos relacionarmos primeiramente com Ele, e dEle aprendermos (Mat. 11:28-30).

O relacionamento com Deus produz sentido para a vida do indivíduo e eleva-lhe o senso de valor próprio. Agora o indivíduo se torna apto para conviver pacificamente consigo mesmo e conseqüentemente com o próximo. A única auto-esti-

ma verdadeira é aquela que resulta de uma vida perdoada, sem culpa e valorizada por aquilo que Deus fez. A inteligência espiritual começa com um relacionamento sincero e verdadeiro com Deus (I João 4:19), mas só pode ser completamente expressada quando traduzida em amor ao próximo (I João 4:20). O amor a Deus e a mim mesmo só é validado, e só existe de verdade, quando praticado ativamente em favor de alguém.

Amar é relacionar-se. É relacionar-se bem. Quando a Bíblia fala de amor, ela está insistindo no assunto do relacionamento: "Não amemos de palavra, nem de língua, mas de fato e de verdade" (I João 3:18).

Há pessoas com uma capacidade imensa de amar. É verdade que alguns a receberam de casa, por meio da educação. É possível, no entanto, pessoas que tiveram a desdita de não receberem essa capacidade de seus pais, com um pouco mais de esforço, avançar na capacidade de amar, ou na inteligência dos relacionamentos. Como funciona isso?

Os relacionamentos sempre são iniciados por alguém. Uma pessoa é despertada por outra que toma a iniciativa, e vai estudar a confiabilidade desta. Nasce a confiança e o respeito; e esses dois elementos promovem a entrega, que é o início do relacionamento. Quando se "baixam as defesas", começa a fluir a substância que estava represada, esperando o momento de passar pelo conduto do relacionamento. Assim tem início o relacionamento com Deus e com os semelhantes.

Mas pode não ficar aí. O relacionamento precisa ir um pouco além do momento da conquista. São necessários investimento e comprometimento crescentes. Os relacionamentos precisam ser vividos numa via adequada, para que não se desvirtuem nem se estraguem ao longo do tempo. Têm de estar em harmonia com os diversos níveis do grande tecido social, para que tragam consigo a felicidade tão esperada por todos.

Teia de relacionamentos

Há laços que unem pares de pessoas entre si, cada ser humano com Deus, e cada pessoa consigo mesma. É como se fossem um fio nos ligando nas três esferas, numa teia de relacionamentos. Esses laços devem ser o centro de nossas atenções, planejamento e estudo, pois é daí que sorveremos maior felicidade e significado para a nossa vida e para a vida dos que nos cercam.

Essa teia existe. Os laços que nos unem existem, quer admitamos ou não.

Estou ligado a todas as pessoas no mundo. O que me liga à minha esposa e a um monge tibetano é da mesma natureza. A diferença é que, com minha esposa, percorri mais etapas do desenvolvimento relacional; pode crescer em investimento e comprometimento. O relacionamento se desenvolveu, fato que não ocorre com todas as pessoas.

"Nenhum de nós vive para si" (Rom. 14:7). Esta é uma lei de Deus no Céu e na Terra. Deus é o grande centro. Dele procede toda a vida. A Ele pertencem todo o serviço, homenagem e submissão. Para todos os seres criados há um grande princípio de vida, dependência e cooperação com Deus. O relacionamento que existe na pura família de Deus no Céu deveria existir na família de Deus na Terra. Abaixo de Deus, Adão deveria ser a cabeça da família terrestre para manter os princípios da família divina. Isso teria trazido paz e felicidade. Satanás estava determinado a se opor à lei de que ninguém 'vive para si'. Ele desejou viver para si; procurou fazer de si mesmo um centro de influência. Foi isso que incitou a rebelião no Céu, e foi a aceitação deste princípio pelo homem que trouxe pecado para a Terra. Quando Adão pecou, o ser humano se distanciou do centro celestial ordenado. Um demônio se tornou o poder central no mundo. Onde o trono de Deus deveria ter estado, Satanás colocou o seu trono. O mundo pôs sua homenagem como uma oferta voluntária, aos pés do inimigo." – *Testimonies*, vol. 6, pág. 236.

Há necessidade de avançarmos no conhecimento dos relacionamentos, uma ciência que, para o pastor é a maior de todas as ciências.

Vias de relacionamento

Há pelo menos três vias pelas quais os relacionamentos podem ser vividos:

Pessoas *sem laços* significativos costumam ser vazias, angustiadas, solitárias e desesperadas. O motivo de viver vai embora. Vivem de si para si, não se expandem mais do que o estritamente obrigatório para a sobrevivência.

Laços vividos na via destrutiva trazem traumas e confusão. As pessoas envolvidas nesse tipo de relacionamento parecem não conseguir vivê-los de forma diferente. Estranham e criticam quem vive relacionamentos felizes. Não acreditam que pode haver algo melhor do que a sua própria miséria. São pessoas necessitadas do amor de Deus, para descobrirem dEle as vias construtivas. Não é necessário contentar-

se com relacionamentos destrutivos. Pode haver ação educativa ou auto-educativa para relacionamentos construtivos.

Laços construtivos e satisfatórios são produtos de esforços inteligentes, planejados e em conjunto com Deus, numa direção moralmente correta. Conseguimos nos orientar pelos conselhos bíblicos. I Cor. 13 e Gál. 5:16-26 são bons exemplos.

O desafio do pastor

Na escola dos relacionamentos, não existe formatura. Pode-se progredir nela ao longo das fases da vida. A pessoa que assim avança nesta ciência da vida tem maior capacidade para identificar, iniciar e desenvolver muitos relacionamentos simultaneamente, de forma positiva, sem que isso lhe custe grande esforço. Consegue identificar e respeitar o laço que une as outras pessoas entre si, assim como Salomão descobriu onde estava o laço que ligava mãe e filho (II Reis 3:16-28). Vive em paz com Deus, consigo mesma e com os semelhantes, sem rebelião nem inimizades (Efé. 2:14), em relacionamentos de grande valor e significado.

Por se tratar da última Igreja, escolhida por Deus para anunciar a última mensagem de advertência ao mundo, a Igreja Adventista do Sétimo Dia é objeto de forte ataque de Satanás. Ele pretende que, com a mensagem maravilhosa e urgente que possui, a Igreja se atralhe no cumprimento de sua missão, por se tornar fria, formal e muitas vezes indiferente às necessidades das pessoas ao seu redor.

Deus vai requerer não a manutenção, como finalidade em si, de um sistema de verdades impoluto e perfeito, mas a prática de calor humano, compaixão, paciência e amor para com os nossos semelhantes, da maneira como Cristo exemplificou.

O Senhor espera que cada pastor seja um especialista em relacionamentos, por preceito e exemplo, quer na família, entre os membros da igreja e as pessoas de fora. Talvez o maior desafio do ministério seja relacionar-se bem com as centenas de pessoas com as quais entra em contato todos os dias. Principalmente numa época na qual a maioria dos indivíduos está destruída.

Compensa, no entanto, enfrentar o desafio e vencê-lo. Haverá recompensa nesta vida, ao verificarmos pessoas sendo transformadas ao contato conosco. Sobre tudo, na eternidade, soarão melodiosas as palavras do Mestre: "Muito bem servo bom e fiel... entra no gozo do teu Senhor" (Mat. 25:21).

Paulo e suas vicissitudes

MILTON L. TORRES

Professor de Línguas no Seminário de Teologia do Iaene, atualmente cursa o doutorado em Línguas Antigas na Universidade do Texas, Estados Unidos



Faz muito tempo, a erudição bíblica tem estado interessada nos assim chamados "catálogos de vicissitudes" em Paulo. Seu estudo tem contribuído principalmente para uma melhor compreensão da segunda epístola escrita aos coríntios. O Dr. John T. Fitzgerald, professor de Teologia na Universidade de Yale, nos Estados Unidos, e autor de um comentário sobre II Coríntios, afirmou recentemente que se trata de uma epístola tão difícil de ser compreendida que "só mesmo um tolo escreveria um comentário sobre ela".

Segundo ele, depois de Paulo ter inicialmente escrito duas cartas aos coríntios, uma delas não preservada na Bíblia, Timóteo retorna daquela comunidade trazendo um relatório bastante negativo da situação ali encontrada. Paulo altera seu itinerário e vai até Corinto, naquela que tem sido tradicionalmente considerada "a visita dolorosa" (II Cor. 2:1). Partindo pa-

ra a Macedônia, o apóstolo toma, então, a decisão de não retornar a Corinto de imediato (1:12-2:4), mas decide escrever-lhe a chamada "carta das lágrimas", também não conservada na Bíblia, conforme 2:3, 4, 9; 7:8, e que teria, pelo menos temporariamente, resolvido as dificuldades daquela igreja, de acordo com um relatório que lhe foi apresentado por Tito (2:13; 7:5-16). Nesse interim, Paulo aparentemente recebe um outro relatório de Corinto, indicando que Tito havia sido excessivamente otimista em sua avaliação e isso o faz escrever a segunda carta aos coríntios. Paulo lida com o relatório de Tito nos capítulos 1-9, e com o outro relatório nos capítulos 10-13.

Descrição

De modo geral, Paulo está muito interessado no assunto do sofrimento humano. Ele fala acerca do sofrimento de Jesus, dos padecimentos dos cristãos, da angústia da criação como um todo e, finalmente, de seus próprios sofrimentos, os quais ele apresenta sob duas formas: ou como narrativas ou como listas. Essas listas, chamadas de catálogos de vicissitudes paulinas, contribuem para um esclarecimento da situação em Corinto. Paulo inclui pelo menos sete desses catálogos em sua correspondência com a Igreja primitiva (Rom. 8:35; I Cor. 4:9-13; II Cor. 4:8 e 9; 6:4-10; 11:23-28; 12:10 e Fil. 4:12), com a possibilidade de serem incluídos mais três: II Cor. 11:19 e 20; II Tim. 2:4-6 e, mais remotamente, Heb. 10:32-34. Duas características sobressaem-se numa avaliação das listas paulinas de sofrimento: sua distribuição é heterogênea, e elas apresentam grande diversidade.

No tocante à sua heterogeneidade, como os catálogos se concentram principal-

mente em II Coríntios, essa disposição é bastante significativa. Quanto à sua diversidade, ela se manifesta principalmente no que diz respeito aos seguintes elementos: número gramatical, a condição de Paulo, sua estrutura e seu conteúdo. É interessante que o apóstolo ora fala na primeira pessoa do singular (II Cor. 11:23-28; 12:10; Fil.4:12), ora na primeira pessoa do plural (Rom. 8:35; I Cor. 4:9-13; II Cor.4:8 e 9; 6:4-10); ora se apresenta como apóstolo (I Cor. 4:9-13), ora como ministro (II Cor. 6:4-10; 11:23-28) e, às vezes, não identifica sua própria condição.

A estrutura dos catálogos é, às vezes, simples; isto é, constituída unicamente de vicissitudes. Outras vezes é antitética, apresentando proezas e infortúnios. O conteúdo é também um elemento de importância. Há repetições de vicissitudes, mas nenhum item ocorre em todos os catálogos, o que nos leva a crer que, de fato, o apóstolo não estava preocupado em salientar os sofrimentos específicos que havia padecido, mas estabelecer o fato inegável de que os havia padecido.

O primeiro estudioso de que se tem notícia a demonstrar interesse por esses catálogos foi Abraham Scultetus, por volta de 1620, fazendo uma comparação entre os catálogos de vicissitudes de Pseudo-Heráclides e II Cor. 11. No final do século 19, Bauer tentou provar que Paulo havia usado Sêneca como fonte de seus escritos, e tratou de estabelecer uma comparação entre ambos, com base em seus catálogos de vicissitudes.

Um pouco mais tarde, Heinrici e Weiss também se interessaram pelo problema, fazendo uma análise dos catálogos de Epicteto. A seguir, o renomado teólogo Rudolf Bultmann dedicou-se a demonstrar que o estilo de Paulo era a diatribe cínico-



estóica. Para isso, ele procurou estabelecer a relação entre os catálogos de vicissitudes (*Peristassen*, como ele as denominou) de Paulo e a tradição segundo a qual o filósofo é aquele que superou as circunstâncias da vida, tornando-se um modelo para os outros homens. Ao comparar Paulo os escritos de Epicteto, Mussônio Rufo, Horácio e Sêneca, Bultmann pôde perceber as seguintes diferenças entre estes e aquele: os filósofos tendiam mais para o catálogo antitético. Por sua vez, Paulo inclinava-se mais para os catálogos simples; e, também, as vicissitudes paulinas eram bem diferentes das filosóficas.

Cinco teorias

A dissertação de Bultmann acabou sendo criticada por Bonhöffer, um especialista em Epicteto, que demonstrou que o catálogo de vicissitudes já era comum antes da diatribe, mesmo em Platão. Em 1983, Hodgson deu duas grandes contribuições aos estudos das vicissitudes, mostrando primeiro que "as listas de tribulações", como ele denominou os catálogos, eram um fenômeno literário muito comum na antiguidade, e que transcen-

diam a limitação de um único gênero. Em segundo lugar, o principal antecedente desse fenômeno era o mito dos doze trabalhos de Hércules. Mais recentemente, Fitzgerald levantou cinco teses acerca desse tópico. Ei-las:

1. As vicissitudes são comuns em várias perspectivas antropológicas e, por isso, são um *topos* da literatura helenística como um todo.

2. As listas de vicissitudes eram amplamente difundidas na antiguidade, em geral entre gregos, romanos e mesmos judeus, sendo encontradas nas mais diferentes fontes: nos escritos gnósticos de Nag Hamadi, em Josefo, em Luciano, em Epicteto, Sêneca, filósofos estoicos, platonistas, etc., ou seja, é impossível hipotetizar acerca de sua origem.

3. Os catálogos de vicissitudes não são uniformes e não pertencem todos à mesma classe, podendo ser identificadas várias categorias: ocupacionais, como os catálogos de infortúnios dos gladiadores ou dos oficiais do correio romano; nacionalistas, como os catálogos de treinamento dos espartanos; passionais, como aqueles dos sofrimentos amorosos descritos pelos poetas;

individuais, como a lista de sofrimentos de um determinado personagem histórico conforme apresentada por seus biógrafos; tipológicas, aquelas que se referem a um determinado perfil de indivíduo – prostitutas, parasitas, bajuladores; filosóficas, aquelas que dizem respeito à conquista dos sofrimentos por parte daqueles que assumem a condição de líderes morais e intelectuais de um grupo.

4. Os catálogos paulinos pertencem a esse último grupo e são diretamente influenciados pelo conhecimento que o apóstolo tinha dos filósofos.

5. Os catálogos paulinos são também influenciados por seu antecedente judaico e pela literatura pagã. Sua frase de II Cor. 6:9, por exemplo, "como desconhecidos, e, entretanto, bem conhecidos" deriva prova-

velmente de Marco Aurélio.

Objetivos

Mas, afinal de contas, por que os antigos usavam esses catálogos? Em primeiro lugar, eles se prestavam a um uso retórico e axiomático: mostrar o valor real de uma pessoa, pois qualquer um pode ser marinho na bonança, mas requer-se um homem de fibra para as noites de tempestades no mar. Em segundo lugar, para enfatizar a perseverança e o contentamento na adversidade: "porque aprendi a viver contente em toda e qualquer situação" (Fil. 4:11). Finalmente, para distinguir o verdadeiro filósofo, do falso, enverganhando assim seus opositores.

O Antigo Testamento não apresenta nenhuma instância do uso desses catálogos de vicissitudes. Pode-se dizer que seu emprego em II Coríntios deve-se ao objetivo imediato do apóstolo. Paulo usa as acusações que havia recebido dos assim chamados "superapóstolos" e as dirige contra eles, com a finalidade de enverganhá-los. O próprio apóstolo afirmou: "Porque suponho em nada ter sido inferior a esses tais apóstolos" (II Cor. 11:5).

O poder do amor



A ordenação ao ministério nos habilita a administrar todos os ritos e cerimônias da Igreja, além de desempenhar diversas atividades como evangelista, professor, conselheiro, instrutor, administrador, etc. Cada área de serviço deve ser cumprida com empenho, sem esquecer o cuidado pastoral da grei. O caminho ao púlpito passa pelas casas, hospitais, fazendas e fábricas.

A Sra. White comenta: "Lembre-se que a obra do púlpito não consiste só em pregar. Deve visitar as famílias em seus lares, orar com elas e abrir-lhes a Palavra de Deus. Quem realiza este fiel trabalho fora do púlpito conseguirá dez vezes mais do que aquele que limita sua obra ao escritório." – *Testimonies*, vol. 6, pág. 124.

O pastor pode estar de bem com a vida, com a administração, com os departamentais, com a família, com seus alvos pessoais, mas não estiver bem com a igreja não terá êxito. O barco do seu ministério navegará nas turbulentas águas das queixas. O supremo interesse do pastor deve ser os seres humanos. As pessoas devem ser sua especialidade.

Uma pesquisa realizada durante seis anos envolveu membros de 47 denominações, aos quais foi perguntado o que mais esperavam dos seus pastores. As respos-

tas valorizaram mais as características pessoais de integridade e calor humano, do que as habilidades profissionais. A segunda negativa séria tinha a ver com relacionamentos. As igrejas não gostam de pastores que evitam a intimidade e repelem as pessoas com atitudes críticas, insensíveis e humilhantes.

Os pastores devem amar as pessoas. Ser ministro significa ser um discípulo íntimo de Jesus e Ele declarou: "Nisto conhecerão todos que sois Meus discípulos: se tiverdes amor aos outros" (João 13:35). No capítulo dez do Evangelho de João, Jesus usa a ilustração do pastor e o assalariado. O bom pastor é aquele que dá a vida pelas ovelhas. Cada uma delas ocupa um lugar especial em seu coração, quer seja jovem, idoso, rico, pobre, culto ou inculto.

O assalariado vê as pessoas como degraus para obter seus desejos ambiciosos, instrumentos para alcançar alvos. Crêem que podem ser controladas, manipuladas, em vez de amadas e compreendidas. O amor pastoral ideal foi aquele demonstrado por Moisés, que não buscou promoção pessoal, mas esteve disposto a entregar sua própria vida por amor a seus irmãos (Gên. 32:31 e 32).

Amar as pessoas em geral é relativamente fácil, mas demonstrar afeto por algumas em particular é uma das tarefas mais difíceis na vida pastoral. Todos os pastores em algum momento de seu ministério foram criticados, incompreendidos e até acusados falsamente. Existem procedimentos dos quais o pastor pode dispor para tomar conta desses ofensores. Pode censurá-los por uns meses, deixá-los sem cargo, e até pode excluí-los. Mas há um "caminho mais excelente",

descrito no capítulo 13 da primeira carta de Paulo aos coríntios – o caminho do amor.

A escola prática do amor conta com várias salas de aula nas quais o pastor pode colocá-lo em prática. Entre elas estão as visitas pastorais, as comissões, e, de maneira especial, o púlpito, onde suas palavras e tom de voz transmitirão seus verdadeiros sentimentos.

Certo pastor visitou vários irmãos, ao assumir uma nova igreja, indagando o que deveria fazer para melhorar uma situação difícil que encontrou. Uma irmã falou dos últimos pastores que haviam passado por lá e das estratégias usadas para "despertar" a congregação. Esses homens, segundo ela, tinham espancado a igreja com expressões tais como "um de cada vinte vão se salvar aqui"; "há muitos irmãos que só vêm à igreja para esquentar bancos"; ou "se a igreja não mudar de atitude, Deus irá vomitá-la", etc. A idosa irmã encerrou sua conversa com o novo pastor, dizendo o seguinte: "Se o senhor veio para falar disso, está perdendo seu tempo; já conhecemos esse repertório."

Depois de orar, jejuar, meditar e aconselhar-se, o pastor ouviu a voz de Deus, no livro *O Desejado de Todas as Nações*, página 22, indicando-lhe o caminho a seguir: "O exercício da força é contrário aos princípios do governo de Deus; Ele deseja unicamente o serviço de amor; e o amor não se pode impor; não pode ser conquistado pela força ou pela autoridade. Só o amor desperta o amor." É desnecessário dizer que a vida e o ministério daquele pastor mudaram radicalmente, e ele experimentou a alegria do sucesso. – *Lídio Vargas Riquelme, secretário ministerial da Associação Central-Amazonas.*

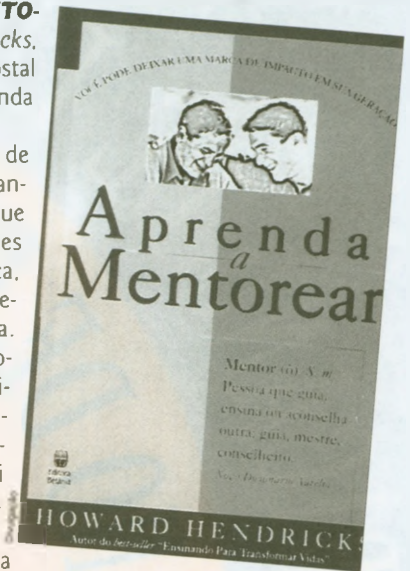
ESTER: UMA MULHER DE SENSIBILIDADE E CORAGEM – Charles R. Swindoll, Editora Mundo Cristão, Caixa Postal 21.257, CEP 04602-970 São Paulo, SP; 244 páginas.

Das experiências de uma jovem que saiu da condição de exilada e desconhecida para a posição de rainha e mulher mais influente no reino da Pérsia, podemos extrair inúmeras lições para a vida. Sua coragem, lealdade, obediência, espiritualidade, sabedoria e prudência podem ser também qualidades nossas. Tudo isso, e muito mais, pode ser obtido da leitura deste livro, escrito por Charles Swindoll, o segundo de uma série biográfica de personagens da Bíblia.



APRENDA A MENTORAR – Howard Hendricks, Editora Betânia, Caixa Postal 5010, CEP 31611-970 Venda Nova, MG, 192 páginas.

Numa análise da vida de Elias e Eliseu, o autor levanta princípios de Deus que marcaram a vida desses dois profetas e os aplica, de maneira prática e relevante, à vida moderna. Neste livro, o leitor conhecerá a estratégia divina para potencializar a vida do cristão, e será desafiado a investir de si mesmo na vida de outras pessoas. Aprenderá também como tomar uma posição firme pela verdade e pela justiça, e a confiar sempre em Deus, apesar das circunstâncias.



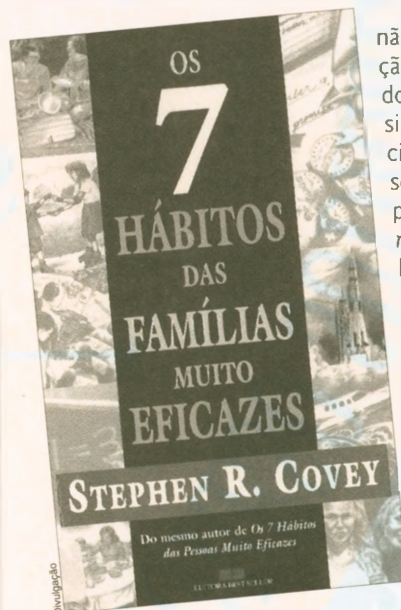
ANJOS: EXÉRCITOS INVISÍVEIS DE LUZ E PODER – Wilson Sarli, Casa Publicadora Brasileira, Caixa Postal 34, CEP 18270-000 Tatuí, SP, 349 páginas.

Um livro sério e transparente, de leitura agradável, que intercala conceitos bíblicos com exemplos práticos da atuação dos anjos na vida diária, estimulando um relacionamento mais íntimo com Deus. Escrito por um homem de fé, este livro faz a diferença numa área do mercado editorial bastante explorada e minada de opiniões místicas e especulativas, que mais confundem do que esclarecem.



OS 7 HÁBITOS DAS FAMÍLIAS MUITO EFICAZES – Stephen R. Covey, Editora Best Seller, Caixa Postal 9442, CEP 05424-010 São Paulo, SP, 552 páginas.

A verdadeira felicidade não é o resultado da obtenção de bens materiais nem do sucesso ou da fama, mas sim da qualidade dos relacionamentos com as pessoas que alguém ama e respeita. *Os 7 Hábitos das Famílias Muito Eficazes* é um livro oportuno, fácil de ler, repleto de sentimento, conselhos valiosos e respostas para os desafios familiares mais comuns no conturbado mundo de hoje.



19-23/01
2000

CONGRESSO SUL-AMERICANO DE EDUCAÇÃO ADVENTISTA
CONGRESSO SUDAMERICANO DE EDUCACIÓN ADVENTISTA

Escola
Sociedade e Valores
no Século XX

Escuela
Sociedad e Valores
en el Siglo XX

I N S T I T U T O



A D V E N T I S T
D E E N S I N C

Estrada de Itapeccerica, 5859 - Jardim IAE, São Paulo - 05854

Fone: (0..11) 5821-5000 Fax: (0..11) 5821-

Home Page: www.iae-sp.br - E-mail: arlis@iae